



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

A CONVERSA LITERÁRIA COMO VIA PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES

Agatha Ribeiro Krauss

Rio de Janeiro
2019

AGATHA RIBEIRO KRAUSS

A CONVERSA LITERÁRIA COMO VIA PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel

RIO DE JANEIRO
2019

Krauss, Agatha Ribeiro.

A conversa literária como via para a construção de saberes/Agatha Ribeiro Krauss. – 2019.

73 f.

Orientador: Marcos Vinícius Scheffel

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas)
– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 34.

1. Ensino de literatura. 2. Conversa literária. 3. Produção textual. I
KRAUSS, Agatha. II - Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Letras, 2019. III. Título.

CDD

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha avó e à minha mãe,
as mulheres mais fortes que já conheci.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Lucila, por sempre ter priorizado a minha educação e por ser a minha força nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu pai, Alexandre, por nunca ter duvidado de mim.

Agradeço ao meu noivo, Marcus, por todo o amor e por ter me feito acreditar em mim mesma todas as vezes que achei que não seria capaz de seguir em frente.

Agradeço ao meu orientador, Marcos Scheffel, por cada aula enriquecedora e inspiradora, por exercer sua profissão com tanta paixão e por ter me apoiado e auxiliado quando decidi realizar esse projeto e escrever sobre essa experiência.

Agradeço à minha professora regente e hoje amiga, Janaína Moreira, por ter confiado no meu trabalho e por ter me concedido o espaço necessário durante o estágio para que a realização desse projeto fosse possível.

Agradeço, enfim, aos amigos Daniela, Kamilla, Leonardo, Liliane e Raíssa, por continuarem presentes mesmo nesse período difícil, por lerem cada fragmento de texto que enviei em busca de opinião e por me fazerem rir nos momentos de desânimo.

[...] o que escrevemos nasce de outros escritos que, dialeticamente, modificamos com nossa voz, carregada de nossos valores e experiências.

(Cláudia Cristina dos Santos Andrade)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. CAP I – AULA 1.....	10
2.1. Turma 905.....	10
2.2. Turma 906.....	15
2.3. Turma 901.....	17
3. CAP II – AULA 2.....	19
3.1. Turma 905.....	19
3.2. Turma 906.....	22
3.3. Turma 901.....	24
4. CAP III – AULA 3.....	25
4.1. Turma 905.....	25
4.2. Turma 906.....	27
4.3. Turma 901.....	27
5. CAP IV – AULA 4.....	28
6. CAP V – AULA 5.....	29
7. CAP VI – AULAS 6 E 7.....	31
8. CAP VII – AULA 8.....	31
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
10. REFERÊNCIAS.....	34
11. APÊNDICES.....	35
12. ANEXOS.....	52

1. INTRODUÇÃO

A forma como se tem trabalhado literatura no ensino básico é problemática. Solicitar que os alunos leiam obras completamente distantes de suas realidades, acreditar que todos farão a leitura e verificar se a atividade foi cumprida a partir de uma prova de interpretação de texto não tem formado leitores, o que deveria ser um dos objetivos principais não apenas das aulas de língua portuguesa, mas da escola, uma vez que é papel dessa instituição possibilitar e, mais do que isso, privilegiar o acesso a bens culturais como a literatura e outras artes, como defende Geraldi (2014).

A insatisfação com tal método me motivou a experimentar outra forma de trabalhar uma obra literária em sala de aula durante meu estágio supervisionado. O professor que espera que todos os alunos leiam os livros indicados sempre se frustrará, e aquele que leciona de um modo que exclui os que não leram certamente não verá muitos resultados positivos. Ter consciência desses dois fatores foi o que me auxiliou na elaboração desse projeto, pois saber que a maioria dos alunos não leria o livro, pelo menos não integralmente, me motivou a pensar em como minha aula poderia ser proveitosa para todos, e não excludente.

A obra trabalhada durante o projeto foi *O ódio que você semeia*¹, um young adult¹ da autora norte-americana Angie Thomas, e diversos foram os motivos para a minha professora regente e eu termos escolhido-a. O colégio onde o projeto foi aplicado, uma escola federal localizada na Ilha do Governador, recebeu noventa exemplares do livro pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD-Literário. Acreditamos que, por estar disponível na escola, isso faria com que mais alunos demonstrassem interesse pela leitura, já que teriam fácil acesso ao livro. Além disso, por se tratar de um livro selecionado pelo PNLD, sem dúvida era uma obra que merecia nossa atenção. Eu estava acompanhando três turmas de nono ano, com alunos de catorze a dezessete anos, o que fazia com que a escolha de um YA parecesse perfeita. Além disso, uma das principais temáticas de *O ódio que você semeia* é o preconceito racial, que já vinha sendo discutido desde o trimestre anterior, quando foi trabalhado o livro *Na minha pele*, do Lázaro Ramos.

Quando comecei a pensar em como seria o projeto, as únicas certezas que eu tinha eram de que as aulas deveriam transcorrer como uma conversa literária, já que, como defende Bajour (2012), é a partir da escuta que se constroem os sentidos, e de que eu deveria fazer todo o possível para valorizar as interpretações dos alunos e para mostrar a eles que o livro é o

¹ Gênero literário com protagonistas adolescentes destinado ao público adolescente.

elemento central de uma aula de literatura, que as respostas, portanto, deveriam ser buscadas nele, e que o professor é apenas mais um leitor, não o detentor de todo o conhecimento como, ingenuamente, alguns acreditam.

Um dos procedimentos fundamentais para que os leitores aprendam a discutir sobre literatura é a garantia de que suas intervenções sejam levadas em conta e de que o professor que coordena a conversa não seja o depositário de nenhuma verdade nem saber absoluto sobre os textos escolhidos. Quando o professor recorre ao próprio texto para que seja ele a responder às novas perguntas ou, mesmo que as deixe em aberto, estará indicando aos leitores o caminho para que consolidem sua argumentação a partir da materialidade do que as palavras e as ilustrações dizem ou calam (BAJOUR, 2012, p. 69).

Outro fator de suma importância era que eu conseguisse valorizar o literário, que não visse a literatura apenas como forma de expressão e conhecimento, mas como “uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado” (CANDIDO, 2011, p. 178). Por saber que os alunos têm a capacidade de, sozinhos, relacionar o que leem com temáticas, com questões da sociedade, era preciso mostrar que a literatura vai além disso, que é uma linguagem artística.

Na literatura não importa apenas aquilo que impacta nossas valorações, ideias ou experiências de vida, mas também como ela o faz. Destaco o “como” porque, quando se pensa na escuta ao se falar de literatura em cenas de leitura escolar, ou mesmo em contextos fora da escola, ele pode ficar de lado ou em um lugar menor perante a força dos temas ou ideias suscitados pelos textos. Muitas vezes a literatura é vista como o instrumento mais atrativo para falar sobre problemas sociais, questões relacionadas a valores, assuntos escolares ou situações pessoais. Quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas (BAJOUR, 2012, p. 25-26).

A primeira metade do projeto, portanto, focou na análise do livro e em olhar a literatura como arte. Também era importante que isso fosse valorizado no início, pois quando chegássemos à produção dos textos, por si mesmos os alunos analisariam a parte temática.

O [projeto](#) teve um total de oito aulas. Os principais objetivos eram promover a análise crítica da narrativa e desenvolver a escrita a partir da leitura. Na primeira aula focamos na discussão sobre os elementos paratextuais da obra (como capa, contracapa e dedicatória) e na

leitura mediada dos capítulos iniciais. Na segunda fizemos a valorização do literário e contextualização de alguns assuntos comentados no livro que eram importantes e os alunos poderiam desconhecer. No nosso terceiro encontro foi feito, pelos próprios alunos, um levantamento de possíveis temas, justificados com trechos da obra, para a confecção de um artigo de opinião (gênero trabalhado no trimestre pela professora de redação e atividade final do projeto). A quarta aula foi inteiramente dedicada à escrita dos artigos, que deveria ser realizada em sala. Na quinta aula levei os artigos já corrigidos e com comentários para que os alunos tivessem a oportunidade de reescrever seus textos, como defendem Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Nas sexta e sétima aulas foi exibido o filme *O ódio que você semeia*, adaptação do livro e, na turma 905, o projeto foi finalizado com a confecção de murais com as versões finais de seus artigos, valorizando, assim, a existência de um interlocutor real.

2. CAPI - AULA 1

As aulas 1 e 2 foram montadas junto com uma colega que também estava fazendo estágio. A primeira aula do projeto também foi a nossa regência², então elaboramos um [plano de aula](#) para a mesma.

2.1. Turma 905

A nossa primeira aula, e também nossa regência, foi com a turma 905. Apesar de não termos elaborado uma aula expositiva, construímos um [roteiro](#) para nos auxiliar quanto a ordem que conduziríamos a discussão e como mediá-la. O intuito era que a aula fosse uma conversa literária, ou seja, que os alunos falassem sobre o livro, dialogassem entre eles, então não nos preocupamos em levar respostas, e sim em direcionar o olhar deles para elementos que considerávamos importantes.

[...] o conhecimento profundo dos textos escolhidos é uma premissa central para que o fluxo da conversa não fique somente ao sabor da opinião espontânea. Melhor dizendo, para que a livre fluência de ideias possa tomar alguns rumos delineados, seja por certas noções engendradas pelo docente na previsão imaginária do encontro, seja pela circunstância de que aquilo que ocorre no transcurso da discussão é considerado por ele como algo interessante em relação à construção de significados

² Momento do estágio em que estagiário assume uma turma e é avaliado pelo seu professor de Prática de Ensino e pelo professor regente.

do texto ainda que não estivesse previsto em seu planejamento, que, quando é flexível e aberto, estará aberto à riqueza do novo e do inesperado. Portanto, a preparação do encontro de leitura implica, em princípio, imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta (BAJOUR, 2012, p. 62-63).

Nós iniciamos pela observação da [capa de *O ódio que você semeia*](#). Perguntamos aos alunos os elementos que eles gostariam de destacar, o que chamava a atenção deles ao olhar o livro. Eles logo destacaram o fato da menina ser negra e de segurar uma placa, e que essa placa já deixava subentendido sobre o que o livro falaria: racismo. Como alguns elementos que julgávamos significativos não foram apontados por eles, chamamos atenção para a placa segurada pela menina, que remete a um cartaz, e para a posição dele em relação à boca da jovem que o segura: ele a cobre, como se, apesar de carregar uma mensagem, ela não tivesse voz. O levantamento de hipóteses era a prioridade nesta primeira parte da aula.

Em seguida focamos no “1º lugar na lista do The New York Times”. Perguntamos se alguém sabia o que era aquilo, e para nossa surpresa vários alunos sabiam que se tratava de um jornal norte-americano muito conceituado. Ao serem indagados do por que aquela informação constava na capa, por que aquilo era tão relevante a ponto de estar ali, eles deram as respostas perfeitas: para fazer propaganda do livro e porque é um jornal renomado e isso reforça a importância da obra.

Todos nós estávamos com cópias do livro distribuídas pelo PNLD. Por isso, colocamos no slide colocamos uma imagem da [capa](#) e da [contracapa](#) do livro que é vendido nas livrarias. Perguntamos qual era a diferença entre o livro que eles tinham em mãos e aquele que aparecia no slide. Após notarem que os livros com os quais estavam continham um selo, apresentamos brevemente o Programa e eles próprios repararam que aquele selo também constava em seus livros didáticos.

Ao falarem do título, os alunos disseram que o ódio que era semeado era o racismo. Mostramos que o título original (em inglês) foi mantido na capa e perguntamos se aquilo era comum em outras obras, se eles já tinham lido algum outro livro que tinha o título original na capa. Como esperado, eles disseram que não, e que se naquele caso mantiveram o título em inglês era porque devia ser importante. Perguntamos se a tradução do título foi feita ao pé da letra e a maior parte da turma observou que não, que “give” não é “semeia”. Uma aluna disse que “give” significa ceder, e a aluna R completou que semear é quando você planta algo e

espera até poder colher. A partir das observações deles completamos dizendo que “semear” indica um processo, ao contrário de “dar”.

Após a discussão sobre o título falamos sobre a [contracapa](#). A turma percebeu que havia nela um homem sem identidade, invisível. A aluna K chamou nossa atenção para o título “a justiça é cega”, e que esse homem sem rosto (logo sem olhos) representava essa frase. Os outros alunos complementaram com situações do dia-a-dia, como a B, que contou sobre o dia em que ela foi ao shopping e, quando estava saindo com o celular na mão, viu um homem negro se aproximando e rapidamente guardou o aparelho, com medo de que pudesse ser roubada. Ela associou essa situação que viveu à frase da contracapa, pois ela julgou o homem apenas por sua aparência. A turma foi além da justiça que se pensa primeiramente, o poder judiciário (alguns alunos também associaram com isso, dizendo que a justiça muitas vezes condena um inocente e inocenta um criminoso), mas o foco dos alunos foi na injustiça que nós, indivíduos, cometemos no cotidiano, como no caso da aluna B.

Continuando na contracapa, mostramos os comentários feitos a respeito do livro. Como já era esperado, eles conheciam apenas o John Green, autor de *A culpa é das estrelas*. Lemos todos os comentários e perguntamos por que eles estavam ali, e assim como responderam sobre o *The New York Times*, eles observaram que era uma forma de fazer propaganda do livro, de mostrar a importância da obra. Apresentamos as revistas que também teceram comentários, *The Horn Book* e *Kirkus Review*. Apesar de os alunos não as conhecerem, explicamos rapidamente o que eram estas revistas, afinal, por mais que seja necessário alguns conhecimentos prévios para ler literatura, a literatura também pode ser uma fonte para adquirir novos conhecimentos.

O momento seguinte foi uma das grandes surpresas da aula. Alguns alunos conheciam o rapper 2Pac e tinham o costume de ouvir suas músicas. Selecionamos uma, ‘[Who do you believe in?](#)’, para que escutassem em sala enquanto liam a tradução e marcavam trechos importantes para posterior discussão. Escolhemos essa música porque é a mesma que Starr e Khalil estão ouvindo no carro quando o policial pede para que parem. A aluna R observou algo extremamente inteligente que nos tinha passado despercebido, o que comprova como a conversa literária é algo enriquecedor e muito mais eficiente do que uma aula expositiva. Na segunda estrofe da canção, 2Pac diz “eu vejo mães de preto chorando”, e ela percebeu que ali havia uma ambiguidade, que poderia ser mães de pessoas pretas ou mães de luto, vestindo a cor preta. Outro aluno destacou os versos “o policial no carro apontou sua pistola e atirou / é só outro assassinato, ninguém lamenta mais” e fez uma conexão com a nossa realidade, que são tantos assassinatos que já não nos surpreendemos. A aluna C, que a princípio estava

receosa de participar da aula, mas após dizermos que não estávamos buscando respostas certas, e sim levantando hipóteses, começou a participar, destacou os versos “eu não gosto do homem que vejo no espelho porque seu reflexo faz a dor virar mais real” e disse que se olhar no espelho, se ver, o fazia se lembrar das coisas que ele passa. Os alunos também perceberam que a música fala sobre fé, pois cita Buddah, Jeová, Allah, e que o refrão “em quem você acredita” poderia ser tanto sobre essa fé quanto em quem você acredita na sociedade, se o que o negro diz é levado em consideração.

Quando decidimos levar a música, pensamos que poderia ser algo motivador, e deu mais certo do que esperávamos. A música selecionada tinha muito potencial e os alunos sentiram isso. Eles participaram de forma ativa e manifestaram seu entusiasmo por ouvirmos um rap. Perguntamos se eles tinham gostado da música e todos afirmaram que sim, e que tinha muito a ver com o livro, porque também falava sobre racismo. Quem já tinha iniciado a leitura fez a associação de que o “em quem você acredita?” do refrão poderia se encaixar no livro também, pois a sociedade costuma acreditar no policial branco, não nas vítimas negras.

Um dos poucos momentos expositivos da aula foi quando apresentamos a autora Angie Thomas. O aluno N ficou impressionado sobre como ela era jovem e até fez as contas a partir do ano em que ela nasceu para descobrir sua idade, 31 anos. Contamos sobre o assassinato de Oscar Grant³, uma das principais influências para a escrita desse livro, e ninguém nunca tinha ouvido falar nesse caso. A princípio essa informação foi levada apenas como uma curiosidade, mas acabou se tornando algo muito mais importante, porque além de sensibilizar a turma para a leitura do livro que seria feita a seguir (já que era uma das principais influências para a autora), também era algo que eles poderiam retomar conforme fossem lendo o restante do livro, para pensar como a realidade daquela narrativa ficcional era tão familiar para nós.

O momento mais importante da aula foi a leitura mediada dos capítulos iniciais. Quando estava planejando como seria o projeto, eu sabia que deveria dedicar tempo para a leitura do texto em sala. Ao contrário do que muitos acreditam, isso não é uma perda de tempo, mas uma forma de incluir na aula os alunos que não leram o livro e de motivá-los a ler. Fizemos a leitura dos capítulos 1 e 2 integralmente, pois o início do livro é um pouco confuso, com personagens demais sendo apresentados. Antes de iniciar a leitura propusemos um desafio, para que aquele momento tivesse um sentido para eles. Pedimos que alunos anotassem todos os personagens que fossem aparecendo e a relação entre eles. Explicamos

³ Jovem negro de 22 anos assassinado injustamente por um policial em uma estação de metrô na Califórnia, no dia 01/01/2009.

que aquilo seria bom para facilitar a leitura deles, saber quem é quem, já que o livro traz uma quantidade imensa de personagens. Tendo uma atividade para realizar durante a leitura, eles se viram obrigados a acompanhar atentamente. O ponto alto da leitura mediada foi quando em um momento em que há um tiroteio, ao invés de ler o “pow” que estava escrito, bati forte na mesa para simular o som do tiro, o que despertou os alunos e marcou esse momento da leitura. Quando estava ensaiando a leitura do livro com minha colega, pensei em como poderia ser interessante fazer isso, ao invés de simplesmente ler “pow”, mas quase descartei a ideia por medo de não funcionar. A reação que a turma teve nesse momento mostrou como é importante que tentemos coisas diferentes, por mais que pareçam simples demais. Os alunos comentaram até o final da aula sobre isso, o que mostrou como foi algo marcante.

Depois de terminarmos os dois capítulos, reservamos um momento para que eles expusessem suas dúvidas e o que acharam do início do livro. Todos disseram que gostaram e observaram que a linguagem do livro é muito próxima a deles. Uma aluna destacou que paramos a leitura em um bom momento, pois eles ficaram curiosos pra saber o que aconteceria depois. Eles já foram falando sobre o desafio, querendo compartilhar uns com os outros os personagens que encontraram, contando quantos cada um tinha achado, e reconheceram que foi uma atividade boa para auxiliá-los. Como não foi comentado, chamamos atenção para o narrador, e eles logo disseram que a narradora era a Starr, e que era um narrador de primeira pessoa. Pedimos para que dissessem por que eles achavam que era de primeira pessoa, e eles recorreram a trechos do livro para provar o que tinham falado. Perguntamos se um narrador de primeira pessoa é onisciente, se sabem tudo ou apenas aquilo que presenciam e/ou contam para ele, e isso dividiu um pouco a turma. Alguns disseram que a narradora sabia de tudo, outros que não. Os que enxergaram que ela não sabia de tudo provaram com um trecho do capítulo 1, quando a Kenya conta algo para a Starr que até então ela não sabia. Os alunos fizeram o movimento que nós queríamos, buscaram no livro as provas para suas hipóteses, e discutiram entre eles, não perguntaram as respostas para nós. Também retomamos a discussão sobre a contracapa, agora trazendo mais uma leitura: a invisibilidade da Starr. Ela diz que se sente invisível e que só é conhecida como “a filha de Big Mav”, e não pelo seu nome. Esse foi um momento interessante, porque os alunos viram como em algumas obras a capa e a contracapa dialogam com a história, reforçando a importância de ler não apenas o que está dentro do livro, mas também o seu exterior.

Retomamos também a discussão sobre o título, já que no primeiro capítulo o Khalil explica para a Starr a expressão thug life, que significa “**the hate u give little infants fuck everybody**” (a inicial de cada palavra forma a expressão thug life) ou “o ódio que você passa

para as criancinhas fode com todo mundo”, e é de onde a autora Angie Thomas tira o título de sua obra. Eles disseram que após a leitura o título tinha ficado sim mais claro, mesmo que já tivessem percebido que o ódio se tratava do racismo.

O segundo momento expositivo da aula foi a apresentação do rapper 2Pac. Contamos um pouco sobre quem ele foi e sobre ele ter sido uma das inspirações para Angie Thomas. Mostramos uma foto sua com o abdômen nu, em que podíamos ver a expressão “thug life” tatuada em sua barriga e explicamos a visão do 2Pac sobre essa frase, que thug não significa bandido, como consta no dicionário, mas sim desfavorecido. Para ele, uma pessoa que não tinha nada e vence na vida é um thug. Alunos complementaram dizendo que então uma pessoa sem oportunidades que vence os obstáculos é um thug.

Antes de encerrarmos a aula pedimos que os alunos enfim compartilhassem o que encontraram nos dois primeiros capítulos sobre os personagens. Todos identificaram que a Starr era a personagem principal, e todos queriam falar sobre os personagens que encontraram. O desafio foi um sucesso, pois deu um trabalho para eles enquanto líamos a história, o que os ajudou a não dispersar, e também virou uma espécie de jogo, pois eles começaram a contabilizar quem tinha encontrado mais. A atividade também auxiliou na leitura, pois a estrutura da família de Seven não é muito comum, o que poderia ser uma dificuldade para a compreensão do texto. Após alguns minutos dedicados a essa discussão, projetamos um [slide](#) com uma espécie de árvore genealógica da família, explicitando a relação entre eles e sanando a dúvida “Kenya e Starr são meio-irmãs ou não?”. Também fizemos uma lista com os nomes de todos os personagens que apareceram ao longo da leitura, dizendo quem era cada um deles. Os alunos afirmaram que a atividade os ajudou muito e pediram para copiar e tirar foto desse slide.

Finalizamos a aula solicitando que eles continuassem a leitura em casa até o capítulo 9, pois na próxima aula leríamos mais um capítulo juntos em sala. A impressão que tivemos é que eles estavam engajados com a leitura, interessados e curiosos para saber o que aconteceria no restante do livro. Eles foram muito participativos e dialogaram bastante. As perguntas que elaboramos para provocá-los e induzi-los a participar da aula cumpriram seu objetivo.

2.2. Turma 906

A mesma aula dada na turma 905, e que funcionou perfeitamente, foi dada na turma 906 e não funcionou tão bem. A turma não é muito participativa, interage pouco, e a conversa literária acabou não saindo como planejado. O roteiro que pensamos e conseguimos seguir na

turma 905 não foi eficiente na 906. Foi necessário criar novas perguntas na hora, para tentar motivar os alunos a participarem e tirar alguma resposta deles. O horário da aula também era um fator prejudicial, pois era nos dois primeiros tempos do turno da manhã, então eles ainda estavam sonolentos.

Refletindo após a aula eu me dei conta de que essa espécie de “apatia” dos alunos me frustrou e me deixou desanimada para dar continuidade. Eu dei a aula inteira me perguntando por que aquilo não estava dando certo se dois dias antes tinha dado a mesma aula em outra turma e tinha corrido tudo melhor do que o esperado. O que eu não consegui enxergar naquele momento, só quando cheguei em casa, era que a culpa não era dos alunos. Eu não deveria ter me sentido desmotivada, mas desafiada a buscar uma forma de fazê-los interagir. Nós, professores, não podemos esperar que uma aula funcione da mesma forma em turmas com perfis totalmente diferentes.

Durante toda a aula poucos alunos participaram, mas tivemos algumas observações inteligentes, e eu percebi que deveria ter me apoiado nisso, ter dado mais importância às boas observações feitas, mesmo que poucas, e também valorizado os silêncios, já que, como disse Bajour (2019) em uma conferência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, antes de dialogar com o texto é preciso ouvi-lo. Quando falamos sobre a [dedicatória](#), uma aluna disse que achava que a autora tinha dedicado para a avó porque a amava e porque ela provavelmente mostrou à Angie Thomas algo bom num momento difícil. A letra da música de 2pac não gerou tanta discussão, eles destacaram poucos trechos da música. Aproveitamos a observação extremamente inteligente que a aluna R da turma 905 tinha feito e direcionamos o olhar dessa turma para esse verso onde estava a ambiguidade, e após uma pequena discussão eles conseguiram enxergar e explicar onde estava o duplo sentido. Ao contar a história de Oscar Grant, uma das principais influências para que Angie Thomas escrevesse o livro, a turma demonstrou um interesse maior do que em todos os momentos anteriores da aula. Enquanto na turma 905 o que serviu como motivação foi a música de 2Pac, nesta turma a história de Oscar Grant foi o que os sensibilizou.

Bater na mesa pra representar o tiro durante a leitura mediada teve um bom efeito, eles despertaram e se divertiram com a situação. Essa turma também disse que gostou do livro, pois tinha uma linguagem fácil, parecida com a deles, que eles conseguiam entender. Quando falamos sobre o narrador, um aluno achou que o narrador era Khalil, mas seus colegas demonstraram com trechos do livro que a narradora era Starr. Também houve dúvidas sobre que tipo de narrador era esse, alguns acharam que era de terceira pessoa, mas eles mesmos selecionaram pedaços que provavam que se tratava de um narrador de primeira pessoa.

Alguns alunos também acharam que se tratava de um narrador onisciente, que tinha consciência de tudo, mas eles mais uma vez fizeram o movimento de recorrer ao livro para verificar, e disseram que se o narrador soubesse de tudo Starr não precisaria que Kenya contasse algo a ela para que ela ficasse sabendo.

A atividade que propusemos durante o momento da leitura foi realizada, ainda que a maioria da turma estivesse sem o livro – pedimos para que eles ficassem com os ouvidos atentos enquanto líamos para que anotassem os nomes dos personagens, mas não gerou um grande interesse. Ao final da aula retomamos a atividade para que cada um pudesse expor os personagens que encontraram, mas pouquíssimos alunos falaram. A estrutura da família da Starr ainda não tinha ficado tão clara, então quando explicamos e projetamos o slide eles acabaram demonstrando um interesse maior.

Apesar de ter saído da aula com a sensação de que tinha dado tudo errado, depois percebi que a aula não tinha sido um fracasso, por mais que também não tenha sido um sucesso. Essa experiência me fez ver que mesmo uma aula muito bem pensada e planejada não vai necessariamente funcionar em todas as turmas, e que precisamos estar preparados para isso, buscar alternativas para contornar a situação e jamais levar para o lado pessoal. Às vezes o que foi elaborado realmente não funciona com determinado grupo de alunos, ou pode ser que aquela turma simplesmente não estivesse bem no dia da aula. Qualquer que fosse o motivo, eu deveria ter reagido de forma diferente, buscando alternativas para tirar o melhor dos alunos.

2.3. Turma 901

Assim que pedimos que analisassem os elementos da capa, de imediato a aluna X falou que lembrava um protesto. O aluno V completou dizendo que parecia que, ao mesmo tempo em que a menina queria protestar, ela não queria se expor, por isso o cartaz na sua frente, cobrindo-a.

Eles conheciam o New York Times, sabiam que se tratava de um jornal importante, e disseram que essa informação constava na capa porque conferia credibilidade ao livro, valorizava, mostrava sua relevância, assim como os comentários na contracapa.

Apesar de observarem que o livro deles continha o selo do PNLD (ao contrário da capa mostrada no slide, de um exemplar de livraria), não sabiam como o programa funcionava.

Esta foi a única turma que praticamente todos os alunos leram o livro, inclusive antes mesmo de iniciarmos o projeto. Quando perguntamos sobre por que mantiveram o título em inglês, como eles já tinham feito a leitura, disseram que era por causa da expressão “thug life”. Notaram também que o título não foi traduzido ao pé da letra, que “give” seria “dar”, não “semear”, mas que “semeia” fazia mais sentido. Perguntamos por que eles achavam que o verbo usado na tradução era mais apropriado do que o usado originalmente, e eles disseram que é porque o racismo é algo gradual, que é construído, portanto, semeado. Essa leitura me impressionou muito, pois nós não tínhamos nos atentado a isso, e sem dúvida foi mais uma prova de como o professor não detém o conhecimento e de como aprendemos muito mais com a escuta.

Ao observarem a contracapa e a frase “a justiça é cega?”, todos afirmaram que sim. Refletiram sobre a frase a partir de situações vistas cotidianamente, como o negro que foi revistado no ônibus sem nenhum motivo enquanto seu amigo branco sentado ao seu lado não foi; como a mídia trata de forma diferente brancos e negros, pois se um negro é pego com drogas é traficante, mas um branco nunca é descrito como traficante; e como as pessoas julgam pela aparência, pois se vemos um branco de chinelo e bermuda no shopping achamos que ele só está à vontade, mas se é um negro achamos logo que é um favelado. Mais uma vez fiquei surpresa e feliz com a profundidade das comparações que esses alunos de aproximadamente quinze anos fizeram.

Quando analisamos a dedicatória, um aluno notou que o que a autora diz sobre a avó ter mostrado a luz na escuridão se parece com o que o pai da Starr disse pra ela quando explicou a origem do seu nome, que a chamou de Starr porque ela foi a luz na escuridão dele. Isso mostrou como eles fizeram uma leitura atenta, pois conseguiram relacionar um momento específico da obra com algo fora do texto.

Nós não precisamos falar que a música que levamos para que ouvissem era a que Starr e Khalil estavam ouvindo no carro quando o policial os parou. Eles reconheceram assim que entregamos o papel com a letra.

Nessa turma, fiquei com a sensação de que a leitura mediada não fez muito sentido, pois todos já tinham lido os dois primeiros capítulos. Quando decidi fazer a leitura dos capítulos iniciais em sala, um dos motivos era motivar para a leitura do restante da obra. Se não tivéssemos planejado a atividade para ser feita durante a leitura, provavelmente esse momento teria sido um pouco vazio.

Essa aula teve um tempo menor de duração, pois, por estarmos em um colégio militar, semanalmente ocorre uma formatura, que é um momento cívico instituído para que os alunos

cantem os hinos da escola e do Brasil. Também é durante a formatura que os informes internos da escola são repassados. Devido a isso, não foi possível concluir a discussão, que foi deixada para a semana seguinte.

3. CAP II - AULA 2

O foco da [segunda aula](#) foi a contextualização de alguns assuntos importantes que eram citados no livro e que os alunos poderiam não conhecer, como os Panteras Negras, a Rebelião de escravos de 1831 liderada por Nat Turner e a série Um maluco no pedaço. Como o seriado era muito citado pela protagonista do livro e ela em diversos momentos comparava sua vida com a vida do personagem principal da série, decidimos elaborar uma atividade em que os alunos teriam que estabelecer uma relação entre *O ódio que você semeia* e a música de abertura de Um maluco no pedaço. Além de servir como uma forma de apresentar a série àqueles que não a conheciam, assim como foi feito na aula 1, com a música de 2Pac, a música foi utilizada como um recurso incentivador. O interesse dos alunos das três pela atividade demonstrou que a estratégia deu certo.

3.1. Turma 905

Para nossa surpresa, grande parte dos alunos leu pelo menos uma parte do que tínhamos pedido que lessem em casa e disseram que estavam gostando muito do livro.

Eles observaram que a Starr estava contando a história para falar sobre o assassinato do Khalil e que esse acontecimento era o centro do livro, mas tiveram dificuldade em perceber qual era a função do romance, o motivo da autora ter escrito esse romance. Tentamos fazê-los lembrar da aula anterior, quando falamos sobre uma das influências para Angie Thomas começar a escrever o livro, e a aluna L lembrou do assassinato de Oscar Grant, jovem morto por um policial no metrô. A aluna R complementou dizendo que a função de *O ódio que você semeia* seria então denunciar o preconceito que as minorias sofrem. Concordamos que essa é sim uma das funções, mas que tinha algo ainda mais específico que eles ainda não tinham sinalizado, e após alguns momentos de reflexão eles conseguiram enxergar que seria denunciar a violência policial.

Aproveitando que a aluna L lembrou do assassinato de Oscar Grant, frisamos que, apesar de ter elementos da realidade, o livro era uma ficção, não era baseado em uma história

real. Apesar do menino que a Starr citava, Emmett Till⁴, ter realmente existido, a proposta do livro não era contar fatos, a autora apenas inseria elementos da realidade dentro da sua ficção. Frisamos que era de extrema importância que eles entendessem isso de forma muito clara, para não haver confusões futuramente.

Os alunos disseram que acharam o livro fácil, que a linguagem era simples, informal, e que por isso a leitura era agradável para eles, porque se parecia com a forma que eles falavam. Fizemos a atenção deles se voltar para a narradora, quem ela era e quantos anos tinha, para eles verem que isso refletia diretamente nessa linguagem acessível da qual eles tanto gostaram. Eles perceberam que a autora, apesar de já ter mais de trinta anos, criou uma narradora jovem que realmente fala como os adolescentes, e a aluna L concluiu que era isso que facilitava o entendimento deles.

Quando começamos a falar sobre os espaços e perguntamos sobre o bairro onde a Starr morava e a escola onde estudava, um aluno destacou o trecho em que ela falava que passou por bairros ricos que tinham portões, e que se o bairro dela tivesse um portão, seria ao mesmo tempo para que ninguém entrasse e para que eles, que moram ali, também não pudessem sair, como uma prisão. A turma observou que a protagonista vivia em um lugar muito inseguro, e já completaram dizendo que Williamson era diferente, que era um lugar seguro, e que era frequentada por pessoas ricas e, praticamente todas, brancas. Conduzimos a discussão para a questão da segurança, já que, apesar de ser um local seguro (com portões, como a própria Starr dizia), a escola não oferecia segurança para ela ser ela mesma, pois ela não se sentia à vontade naquele ambiente. Eles perceberam então que há dois tipos de segurança e, apesar de no primeiro momento terem feito um silêncio absoluto e não terem falado mais sobre (mas admitiram que enxergar a Starr que se dividia em duas serviu muito para reflexão), em um momento posterior a aluna O retomou isso e aplicou na realidade dela, dizendo que muitas vezes ela não se sentia confortável para ser ela mesma no colégio, pois sabia que seria julgada, olhada de forma estranha, etc, e que em casa ela é uma pessoa totalmente diferente de quem ela é na escola.

Quando pedimos que eles comparassem esse livro com o *Na Minha Pele*, do Lázaro Ramos, pensando em analisar a questão do narrador (a narradora *d'O ódio que você semeia* é Starr, uma adolescente que contava o que estava acontecendo na sua vida, ou seja, o presente, e Lázaro, um homem adulto que contou como foi sua vida, ou seja, memórias), eles já foram encontrando semelhanças nas situações vividas por Lázaro e pela personagem Starr. Esse

⁴ Menino negro de 14 anos assassinado em 1955 por ter assobiado para uma mulher branca.

momento demonstrou como nós, professores de literatura e língua portuguesa, devemos sempre tentar focar e valorizar o literário, pois os alunos têm facilidade para observar a parte temática.

Durante a contextualização sobre os Panteras Negras⁵ e o Programa dos Dez Pontos, apesar de não saberem do que se tratava, após termos explicado quem foram os Panteras e o que era o Programa, o aluno T observou que os Panteras lutavam por igualdade. A aluna G disse que era mais do que isso, que apesar de também lutarem por igualdade, lutavam por algo além, justiça. Quando perguntamos sobre que outro caso era citado no livro como exemplo de resistência do povo negro, a aluna L se lembrou da conversa entre Maverick e Starr, em que ela cita Nat Turner e a rebelião de escravos de 1831⁶. Nenhum aluno da turma nunca tinha ouvido falar nos Panteras Negras nem na rebelião dos escravos.

Assim como na primeira aula, o ponto alto da segunda aula sem dúvida foi o momento da música de abertura da série “Um maluco no pedaço”⁷. A maioria da turma já conhecia e adorava a série. Eles mesmos foram contando para os colegas que não conheciam o seriado do que se tratava e já foram comparando com o livro antes mesmo de propormos a atividade que tínhamos planejado. O aluno P se lembrou de um episódio em que Will e seu primo Carlton estavam de carro e um policial os parou só porque eles eram negros, e o Will já sabia o que iria acontecer, antecipando tudo que o policial pedia, assim como a Starr, que quando foi parada pelo policial foi se lembrando do que o pai dela falava sobre manter as mãos a vista, não fazer movimentos rápidos, etc. Ele concluiu dizendo que uma pessoa negra já sabe o que vai acontecer com ela quando encontra com um policial. A capacidade dos alunos de relacionar de forma tão coerente o livro e a série comprovou como é importante valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes, como eles levam para a sala de aula muitos saberes significativos.

A atividade proposta, portanto, funcionou perfeitamente. Passamos o vídeo da abertura da série com legenda para eles analisarem a letra e compararem, em grupo, com trechos do livro. O objetivo era refletir sobre por que a Starr se identificava tanto com o personagem Will. Além das observações que já esperávamos, como ambos serem de bairros pobres e serem mandados para uma escola de brancos ricos, a análise de um grupo foi além das nossas expectativas. Esse grupo percebeu que, mesmo tendo muitas semelhanças entre a Starr e o

⁵ Fundado em 1966 por Huey Newton e Bobby Seale, foi um dos grupos mais radicais na luta contra o preconceito racial nos Estados Unidos durante o século XX.

⁶ Nat Turner foi um escravo americano que liderou uma rebelião de escravos em agosto de 1831. Turner é, até hoje, considerado um herói por muitos negros.

⁷ Seriado norte-americano de comédia exibido entre os anos 1990 a 1996 que buscava mostrar, de forma engraçada, sérios problemas da sociedade, como o preconceito racial.

Will, havia uma diferença crucial entre eles: ao contrário do Will, que sempre manteve sua personalidade independente do lugar onde estivesse, a Starr não conseguia ser ela mesma, ela não tinha maturidade para admitir quem ela era, e que isso era uma característica dos jovens, se sentir inseguros sobre quem eles são.

Infelizmente não foi possível fazer a leitura do capítulo 10 como tínhamos planejado, pois tinha formatura na escola e tivemos que liberar a turma antes. Esse era um dos capítulos mais importantes do livro, pois é o capítulo em que a Starr e seu pai têm uma conversa muito séria e ele explica a ela sobre como surgem os traficantes. Como boa parte dos alunos já tinha lido até esse capítulo, foi possível falarmos sobre o assunto de forma contextualizada. A turma inclusive fez uma observação muito inteligente sobre esse trecho. Eles disseram que fazia sentido a autora ter deixado isso para o Big Mav explicar para a Starr, já que ele era um homem mais velho, com mais experiência, e que dessa forma era mais realista, pois era o pai ensinando algo para sua filha.

3.2. Turma 906

A cada aula percebíamos a importância de ter um planejamento flexível. A aula da 906 não seguiu a ordem que planejamos no roteiro, pois a sala de vídeo já estava reservada e conseguimos apenas um tempo lá. A primeira metade da aula fizemos de forma bem expositiva, para aproveitar a televisão: passamos o vídeo da música de Um Maluco no Pedaco e fizemos a contextualização, projetando os slides sobre os Panteras Negras e Nat Turner. Toda a discussão foi deixada para a segunda metade da aula, quando retornamos para a sala habitual. Surpreendentemente, a aula foi maravilhosa.

Ao contrário da aula primeira aula, dessa vez a turma foi extremamente participativa. Eles fizeram correlações muito originais entre a série e o livro, como a associação entre a bola que pega nos homens que estão no parque na abertura de Um maluco no pedaço e o tiro em Khalil que traz problemas para Garden Heights, o Will saindo do avião e dizendo que não queria ser preso ainda quando viu um cara que parecia policial e a Starr se lembrando das coisas que seu pai falava quando o policial parou o carro de Khalil (essa análise foi feita por L, um aluno que tinha muita dificuldade para falar, e ele levantou a mão e pediu para expor sua ideia), e que o Will usava o uniforme do lado avesso para se manter original, enquanto a Starr tentava se manter original através dos seus tênis.

Quando entramos na discussão sobre a obra, sobre por que a autora escreveu esse livro, um aluno disse que era por causa do luto. Na hora quase discordamos já por reflexo,

mas em vez disso pedimos para ele desenvolver seu raciocínio, e ele disse que era por causa dos inúmeros assassinatos de negros, algo muito frequente nos Estados Unidos, e aí eu me lembrei de que na primeira aula eu tinha falado sobre uma dos acontecimentos que influenciou Angie Thomas a escrever o livro, a morte de Oscar Grant, e percebi que o raciocínio de S estava perfeito. É importante que tenhamos o ouvido atento e que estejamos abertos às hipóteses dos alunos, que nunca as descartemos.

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo. A escuta não resulta da manifestação coletiva do dizer de cada um. Não é questão de que todos tenham a palavra caso esta acabe no burburinho da autocomplacência. Escutar para reafirmar uma verdade que só olha para si mesma e espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é a antítese do diálogo, e não raro comporta intenções de poder e controle sobre os sentidos trazidos à tona. Trata-se de um simulacro de escuta, uma atuação para manter as aparências. A democracia da palavra compartilhada implica, ao contrário, o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela. Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual (BAJOUR, 2012, p. 24-25).

A aluna K complementou dizendo que o livro tinha sido escrito para expor a realidade, porque quando essas notícias passam na televisão, no noticiário, a gente vê e depois esquece, mas que no livro não, o livro grava, nos faz sentir, já que descreve os personagens e acabamos nos apegando a eles.

Nessa turma também não conseguimos fazer a leitura do capítulo dez, mas alguns alunos tinham lido o livro e começaram a comentar sobre alguns trechos, como a parte em que a Starr fala sobre como as mortes de negros viram hashtags. Eles foram muito críticos e disseram que a maioria das pessoas não luta pelas causas, finge se importar apenas por moda, pelas visualizações que consegue usando essas hashtags.

Para minha surpresa, mais uma vez o aluno L pediu para falar, e novamente fez uma observação extremamente interessante. Ele destacou a personagem Hailey, uma amiga racista

da Starr que não reconhece que é preconceituosa, e falou sobre o racismo velado, sobre como determinados atos só quem é negro percebe que é um ato racista.

3.3. Turma 901

Como na semana anterior não conseguimos finalizar a aula, iniciamos falando um pouco a história do 2pac e sobre o seu assassinato quando tinha 25 anos. Os alunos se interessaram em saber como ele morreu. Esse não era um fato relevante para aula, mas por sorte eu tinha lido sobre sua morte e consegui sanar a curiosidade deles. Isso me fez perceber como também é bom levar informações que atendam a curiosidade dos alunos, não apenas o que a gente acha pertinente para o andamento da aula.

Diferentemente das outras duas turmas, os alunos dessa turma compreenderam bem a relação entre os personagens. Eles mesmos explicaram a estrutura da família da Starr, sem precisarmos intervir.

A aluna X, ao falar sobre a Starr, já adiantou que ela conta a história para falar sobre a morte do Khalil, que esse era o acontecimento central do livro. A turma refletiu também sobre o motivo para a autora ter escrito o romance. Eles disseram que nos Estados Unidos é muito comum o assassinato de pessoas negras, já que em muitos lugares o racismo não é considerado crime, então a autora quis contar essa história para poder mostrar isso para o mundo, para fazer uma denúncia.

A aluna Q destacou que o romance é contado pela Starr para mostrar o sentimento de quem perde um amigo, para os leitores se colocarem no lugar do outro. X refletiu sobre como não podemos julgar as pessoas, pois o Khalil entrou para o tráfico por falta de oportunidades, e aí ela fez um movimento perfeito e trouxe para a nossa realidade, dizendo que muitos jovens roubam, traficam drogas, porque não têm oportunidades, que se tivesse políticas de inclusão essas mortes como a do Khalil não aconteceriam.

Quando falamos sobre a linguagem do livro, assim como as outras duas turmas, disseram que acharam fácil, que foi muito bom porque é uma linguagem parecida com a deles, que também são adolescentes, e que achavam que essa linguagem foi escolhida justamente para se aproximar da realidade dos leitores. Ao compararmos com o livro do Lázaro Ramos, alguns alunos disseram que sentiram muito mais facilidade em ler o livro da Angie Thomas, devido à linguagem. Duas alunas, no entanto, discordaram, disseram que não sentiram nenhuma dificuldade na leitura do *Na minha pele*, que isso depende do costume da pessoa, que como elas estão acostumadas a ler, para elas a leitura foi natural. Uma delas, a

aluna Q, disse que lê muito e que gosta de ler, que lê não apenas esses livros adolescentes, mas também livros de adulto. Quando ela usou a expressão “livros de adulto”, logo imaginei que ela estava acostumada a ler livros complexos, clássicos, como Machado de Assis, Clarice Lispector, etc, mas ela completou dizendo “livros tipo “Cinquenta tons de cinza”” com um tom de orgulho. Quando ela falou isso, achei engraçado por um momento, mas rapidamente me lembrei de como eu me sentia mal quando era adolescente e gostava de *Crepúsculo* e todos diziam que aquilo não era literatura. Desqualificar a leitura que os alunos fazem fora da escola pode ser algo completamente desmotivador.

Dois alunos já conheciam os Panteras Negras antes da leitura do livro, o aluno H disse que ouviu falar pela primeira vez quando assistiu ao filme “Forrest Gump” e contextualizou falando um pouco sobre. A aluna X citou o filme “Infiltrado na Klan”. Mais uma vez vimos como os conhecimentos prévios dos alunos são importantes.

Por já estarem avançados na leitura do livro, quando mostramos o Programa dos Dez Pontos dos Panteras Negras, eles imediatamente identificaram quais eram os dois pontos que o pai da Starr sempre falava.

4. CAP III - AULA 3

4.1. Turma 905

Finalizamos a segunda aula solicitando que os alunos lessem o restante do livro em casa e anotassem possíveis temas para a escrita de um artigo de opinião, o que não funcionou. Eles não fizeram em casa e, mesmo dando tempo para que fizessem em sala, eles pareciam não estar entendendo muito bem como era a atividade. Tive que pensar na hora em outra estratégia para que fosse possível concluir o que tinha sido planejado: ao invés de eles anotarem temas, dei dez minutos para que cada um encontrasse pelo menos um trecho do livro que tivesse considerado marcante. Essa situação me fez perceber como é bom ter um plano de aula flexível e sempre ter alternativas para o caso de a primeira ideia não dar certo. Infelizmente não deu tempo de lermos os capítulos finais, o que teria sido ótimo, considerando que nem todos leram o livro inteiro e que seria uma oportunidade de treinar a oralidade. Mas mesmo aqueles que não tinham lido tiveram que folhear o livro e encontrar um trecho que gostaram para comentar em voz alta e procurarmos, coletivamente, um tema a partir da passagem destacada.

A impressão que tive é que a atividade deu muito mais certo dessa forma. Alunos que geralmente não são participativos, como o J, que estava sempre calado, e o M, sempre conversando muito, fizeram intervenções muito pertinentes. J selecionou uma parte do texto que fala sobre casos que viram hashtags, e o M completou dizendo que isso é por pura moda, que um acontecimento vira o assunto do momento, mas que na realidade ninguém se importa, ninguém faz nada para mudar aquilo, só fica comentando por estar na moda. L selecionou o trecho em que o policial foi inocentado e refletiu sobre como brancos e negros recebem tratamento diferenciado, como as pessoas julgam pela aparência, inclusive a Justiça. M selecionou um trecho que falava sobre Garden Heights e sobre como as pessoas andavam naquele bairro como se estivessem em guerra, e fez uma correlação com a realidade de quem mora nas favelas do Rio de Janeiro.

Ao final da aula, tínhamos uma lista com pouco mais de dez temas possíveis. Cada aluno pôde votar em dois temas dos quais tivessem gostado. Os cinco mais votados seriam os temas possíveis para a escrita do artigo de opinião. Os temas escolhidos foram:

1. O lugar de fala da mulher negra;
2. A violência nas periferias;
3. A justiça que trata de forma diferente brancos e negros;
4. A sociedade que julga pela aparência;
5. A violência policial.

Os alunos escolheram temas muito atuais e importantes, que realmente mereciam ser debatidos e que estavam completamente de acordo com o gênero artigo de opinião. Muitos escolheram assuntos que já lhe eram familiares, que não ficavam apenas na ficção. Esse momento, e posteriormente suas produções, mostraram como é importante valorizar o conhecimento que o aluno traz para a escola, sua experiência de vida, como defende Paulo Freire.

É o meu bom-senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais e econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 2019, p. 62).

Como grande parte da turma não tinha lido o livro nem feito a atividade em casa como tinha sido solicitado, não estava esperando que eles selecionassem temas tão fortes. A incrível lista que eles conseguiram construir prova como é imprescindível que pensemos em alternativas para o caso de o primeiro planejamento para uma aula não funcionar e como é extremamente importante reconhecer os saberes que os alunos já possuem, pois, sem dúvida, suas experiências de vida auxiliaram na seleção desses temas. Grande parte dos alunos dessa turma era negra, morava em favela, então muitos vivenciavam essas situações. No entanto, se eu não tivesse adaptado a atividade, buscado uma forma de tornar possível a sua realização, não teríamos visto esse resultado extremamente positivo que eles alcançaram, por mais que já fosse algo familiar a eles.

4.2. Turma 906

Essa turma também não fez a leitura do livro, o que dificultou a seleção dos temas. Usei a mesma estratégia que tinha utilizado na turma anterior e pedi que folheassem o livro em busca de algum trecho do qual gostassem para comentarmos depois, o que contribuiu para que eles encontrassem temas muito interessantes:

1. A pessoa que vive entre duas realidades;
2. A violência nas periferias;
3. Invisibilidade dos negros;
4. A sociedade que tenta justificar injustiças;
5. Despreparo policial.

Apesar de ter sido a turma que teve a menor lista de temas possíveis para escolher, eles também conseguiram encontrar temas muito relevantes e adequados ao gênero. Todos os temas sugeridos tiveram que ser justificados com trechos da obra.

4.3. Turma 901

Antes de entrar na discussão sobre os temas para o artigo de opinião, passamos a atividade referente à música de abertura de *Um Maluco no Pedaco*, pois na segunda aula não houve tempo. Percebi que passar apenas o vídeo não funcionou muito bem nessa turma, mesmo tendo legenda, pois os alunos disseram que não conseguiram anotar os trechos inteiros que eles queriam, mas nem sempre é possível levar material impresso para todos. Tivemos

que repetir o vídeo três vezes e alguns alunos ainda acessaram a internet através de seus celulares para ler a letra da música.

Apesar da dificuldade em anotar os trechos da música, os alunos fizeram análises muito maduras, como a violência que obriga Will e Starr a irem para outro lugar, a mãe do Will que o manda ir morar com a tia rica para protegê-lo e a mãe da Starr que a coloca em uma escola num bairro nobre também para protegê-la, e a Starr que admira o Will porque ele, ao contrário dela, não muda quem ele é, ele é capaz de ser ele mesmo. Devido à preocupação com o tempo, pois ainda tínhamos que construir a lista com os temas para o artigo de opinião, infelizmente não comentamos suas análises como fizemos nas turmas anteriores, apenas deixamos que eles expusessem o que tinham feito e então passamos para a atividade seguinte. Depois eu fiquei com a sensação de que ficou faltando algo, de que a atividade ficou vazia, sem sentido.

Sobre a atividade que passamos para casa, selecionar possíveis temas para a escrita de um artigo de opinião, os alunos fizeram exatamente como idealizamos. A turma construiu uma lista com vinte e um temas, foi a turma que encontrou mais temas, e depois cada aluno votou nos dois temas preferidos até termos uma lista com apenas cinco temas possíveis:

1. A violência policial;
2. Pessoas racistas que não aceitam ser chamadas de racistas;
3. Naturalização do racismo;
4. Ressocialização das classes periféricas na sociedade;
5. Culpabilização da vítima.

Achei que eles também escolheram temas extremamente relevantes, mas acabei gostando mais de como a atividade ocorreu nas turmas 905 e 906, a partir da seleção de trechos marcantes para cada um, pois ficou mais pessoal, menos distante, já que eles primeiro selecionaram as partes que tinham os tocado para depois pensar em um tema. A turma 901, como realizou a atividade exatamente como tínhamos pedido, teve um olhar mais frio, pois fez um movimento diferente, que foi de reler o livro buscando trechos que continham algum tema para a escrita, não necessariamente trechos de que tinham gostado.

5. CAP IV - AULA 4

A quarta aula foi inteiramente dedicada à escrita dos artigos de opinião. Apesar de, inicialmente, desejar que os alunos produzissem uma resenha, como o gênero do terceiro trimestre era o artigo de opinião e ele já estar sendo trabalhado pela professora da turma, achei

que era melhor ter essa relação com as aulas de redação e exercitar o que eles estavam aprendendo do que pedir que escrevessem um texto de um gênero que eles já tinham visto no início do ano.

Antes que os alunos começassem a escrever, coloquei no quadro alguns [itens para direcioná-los](#) durante a atividade e que seriam alguns dos critérios de correção de seus artigos. Cada texto deveria ter pelo menos três parágrafos (introdução, desenvolvimento e conclusão), no mínimo quinze linhas e um título chamativo. Além disso, eles deveriam ter em mente que haveria um interlocutor real, que seus textos seriam lidos por outras pessoas (o que só possível em uma turma devido ao fim do ano letivo) e que a função de um artigo de opinião é a de apresentar e defender um ponto de vista sobre um assunto socialmente relevante.

Algo extremamente importante que já tinha sido falado para eles quando pedi que buscassem possíveis temas no livro e que os lembrei nesse momento era que eles precisavam citar o livro em seus artigos. Poderia ser um trecho específico, uma impressão que tiveram do livro, mas o livro deveria estar em suas produções. Como eles escolheram temas extremamente atuais, também pedi que eles citassem alguma notícia, estatística, qualquer exemplo da realidade que servisse para dar credibilidade aos seus argumentos.

Cada turma teve aproximadamente uma hora e meia para produzir o texto. Permiti que eles acessassem a internet para procurar reportagens, dados reais, etc, que pudessem ser inseridos em suas produções.

Apesar de inicialmente eles terem parecido um pouco confusos e com medo, dos setenta alunos das três turmas, apenas um não entregou a primeira versão do artigo.

Fiz a correção dos artigos escrevendo comentários, sinalizando o que poderia ser modificado e o que estava bom. Era importante elogiar pelo menos um aspecto do texto, para motivar o aluno, para ele sentir que seu esforço estava sendo valorizado. Obviamente, a maioria dos artigos tinha muitas correções para fazer, mas surpreendentemente tivemos alguns artigos excelentes logo na primeira versão, como a da [aluna P](#), da turma 901, e do [aluno L](#), da turma 906.

6. CAP V - AULA 5

Nesse encontro levei todos os artigos corrigidos para que os alunos tivessem a oportunidade de reescrevê-los com base nos comentários que fiz. Ajudei-os na reescrita, explicando as anotações que fiz em seus textos e fazendo novas sugestões do que poderia ser melhorado. Alguns alunos se mostraram verdadeiramente interessados nesse processo da

reescrita, e primeiras versões com alguns problemas, como as dos alunos [H](#) e [S](#), da turma 906, e do aluno [I](#), da turma 905, se transformaram em artigos muito bons ([versão final aluno H](#), [versão final aluno S](#), [versão final aluno I](#)). Isso mostra como dar a oportunidade dos alunos reescreverem seus textos, deles corrigirem seus erros, é muito melhor do que simplesmente devolver suas redações cheias de rabiscos de caneta vermelha e com uma nota.

O artigo de opinião valia 5 pontos, que foram distribuídos entre sete itens nos [critérios de correção](#). Na [turma 905](#), graças à reescrita, dos dezoito alunos que entregaram a versão final, quinze tiveram nota superior a 3,5, que era a média. Na [turma 906](#), todos entregaram as versões finais, mas infelizmente foi a turma com o resultado menos satisfatório, pois a maioria dos alunos não leu o livro, e como quase metade da pontuação era para a citação do livro, isso os prejudicou muito. Apesar de já ter consciência de que muitos não fariam a leitura, fiquei um pouco frustrada, pois lemos os dois primeiros capítulos em sala, e um dos temas selecionados foi “a violência policial”, então eles nem precisavam ter lido a obra para serem capazes de citar um exemplo disso. No entanto, os dois artigos mais bem feitos foram dessa turma, dos alunos [L](#) e [S](#). Apenas cinco alunos, dos vinte e quatro, alcançaram a média. Na [turma 901](#), vinte e quatro alunos entregaram as versões finais, e catorze conseguiram nota acima de 3,5. Sem dúvida o maior sucesso foi na turma 905, que era uma turma de projeto. Esses alunos, apesar de terem dificuldade, demonstraram uma grande capacidade e isso foi comprovado com as notas que obtiveram. O aluno [I](#), que tem dislexia, tinha entregado uma primeira versão muito confusa, superficial, mas no momento da reescrita dei uma atenção especial a ele, fiquei ao seu lado lendo enquanto ele escrevia, pedindo que ele me explicasse seus pensamentos, e isso ajudou com que ele entregasse uma versão final muito boa, completamente diferente do que ele tinha escrito inicialmente.

Contudo essa atividade obviamente não deu certo com todos os alunos. O aluno [U](#), que geralmente tinha um desempenho muito bom, entregou um texto que se parecia com uma redação para o ENEM, cheia de citações, frases de efeito, e nenhuma menção ao livro. Quando ele reescreveu seu texto, apesar de eu ter sinalizado que aquilo não tinha a estrutura de um artigo de opinião, ele ainda assim insistiu em um texto modelo ENEM, que parecia seguir uma fórmula. Levei sua produção para a minha professora regente e ela confirmou o que eu imaginei. Ele fazia curso preparatório na escola, então seus textos sempre tinham essa estrutura de quem segue uma receita. Isso mostra como a ideia de Galdi (2011) de que o aluno assume papel de locutor para reproduzir o que ele acha que o professor e a escola esperam é verdadeira.

Na prática escolar, institui-se uma atividade lingüística artificial: arrumem-se papéis de locutor/interlocutor durante o processo, mas não se é locutor/interlocutor efetivamente. Essa artificialidade torna a relação intersubjetiva ineficaz, porque a simula. Não estou querendo dizer que inexistente interlocução na sala de aula; estou querendo apontar para seu falseamento, dado que os papéis básicos dessa interlocução estão estaticamente marcados: o professor e a escola ensinam; o aluno aprende (se puder). Tentar ultrapassar essa artificialidade é efetivamente tentar assumir-se como um “tu” da fala do aluno, na dinâmica de trocar do eu/tu. [...] Na prática escolar, porém, o “eu” é sempre o mesmo; o “tu” é sempre o mesmo. O sujeito se anula em benefício da função que exerce. Quando o aluno produz linguisticamente, tem sua fala tão marcada pelo eu-professor-escola que sua voz não é voz que fala, mas voz que devolve, reproduz a fala do eu-professor-escola (GERALDI, 2011, p. 91).

O texto do U me fez ter ainda mais certeza de que não devemos engessar a escrita dos alunos, de que devemos parar de nos enganar (e enganar também os alunos), de acreditar que estamos ajudando-os quando ensinamos fórmulas para escrever textos para concursos, vestibulares, etc.

7. CAP VI – AULAS 6 E 7

Nessas duas aulas as turmas assistiram à adaptação do livro para o cinema, o filme *O ódio que você semeia*. Não é um grande filme, não reproduz fielmente o livro, mas justamente por isso achei que seria uma experiência interessante. Eu esperava estimular o senso crítico dos alunos que leram a obra, pois eles naturalmente fariam comparações entre o livro e o filme, e foi o que aconteceu. A turma 901, que praticamente todos os alunos fizeram a leitura, detestou o filme. Assim que terminamos de assistir, eles começaram a reclamar de personagens que tinham sido ignorados no filme, de coisas importantes no livro que tinham sido modificadas na adaptação, como a família de Starr que acaba não se mudando de Garden Heights e a exclusão do personagem DeVante.

Já as turmas 905 e 906, que a maioria dos alunos não tinha feito a leitura, adoraram o filme. Eles se emocionaram, aplaudiram, e eu acredito que esse filme possa servir como uma motivação para que eles, futuramente, leiam o livro.

8. CAP VII – AULA 8

Quando iniciei o projeto, eu queria que os textos dos alunos tivessem um interlocutor real, por achar que isso faria com que eles dessem mais importância ao momento da escrita, já que suas produções não serviriam apenas para serem avaliadas, mas seriam lidas por outras pessoas. Infelizmente isso não foi possível em todas as turmas, apenas na 905. Permiti que eles escolhessem a plataforma para publicação de seus textos, e eles decidiram fazer [murais](#) para colocar na sala de aula, seus interlocutores seriam, portanto, a comunidade escolar.

Eles se empenharam muito na confecção dos murais e todos ficaram muito bonitos. Eles colocaram seus artigos e também colaram imagens que tinham a ver com o livro, com racismo, com violência policial, etc, e alguns alunos também fizeram desenhos.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que, dos sessenta e seis alunos que entregaram a versão final dos artigos, somente trinta e quatro alunos tenham atingido a média, todos demonstraram uma evolução, mesmo que pequena, com a atividade da reescrita. Infelizmente o tempo era curto e não foi possível fazer a reescrita mais de uma vez, o que teria sido o ideal. Também não foi possível trabalhar o gênero dentro do projeto, o conhecimento que eles tinham sobre a estrutura de um artigo de opinião veio quase exclusivamente das aulas de redação. Talvez esse tenha sido um dos motivos para as notas insatisfatórias. Não ter feito a leitura mediada de ao menos um capítulo em cada aula também foi algo que tive que abdicar por causa do tempo e quando fui corrigir suas produções vi que isso poderia tê-los prejudicado. Por mais que tenha sido feita a leitura dos capítulos iniciais na primeira aula do projeto e que ali já constasse o necessário para citar o livro no artigo, um mês inteiro separou esses dois momentos, e muitos, provavelmente, já tinham se esquecido daquela leitura.

Refletindo agora, já distante da atividade e fazendo uma auto-crítica, percebi que, como ao selecionar os temas, eles tiveram que justificar com algum trecho do texto, eu poderia ter pedido que eles anotassem cada parte escolhida pelos colegas, ou ao menos a página, e o tema que conseguiram extrair dali. Assim, eles teriam pelo menos um lugar específico ao qual recorrer enquanto estivessem escrevendo, pois as notas da maioria foram baixas não por incapacidade, por escrever mal, ou qualquer outro motivo parecido, e sim por não terem conseguido relacionar seus textos ao livro. No entanto, apesar de as notas serem importantes devido ao modo como funciona a escola, elas não representam os alunos. Muitos dos que tiraram uma nota abaixo da média tinham feito ótimas colaborações em sala, como a

aluna K que, por mais que tenha tirado 1,9 no artigo, fez uma incrível [observação](#) na segunda aula do projeto, que demonstrou que ela entendeu qual era um dos papéis da literatura.

Outra crítica que fiz a mim mesma depois que finalizei o projeto foi que eu deveria ter valorizado mais o processo como um todo, não apenas o processo da reescrita, como fiz. Eu poderia ter dividido os 5 pontos entre as atividades da música do 2Pac, da música do Um maluco no pedaço e também pelas observações feitas ao longo das aulas. Provavelmente assim eles teriam obtido notas mais justas, mais condizentes com os alunos que eles são.

Dos trinta e quatro alunos que tiveram nota igual ou superior a 3,5, quinze eram da turma 905, e isso deixou nítido o sucesso dessa turma, que é a que tem menos pessoas. Nessa turma muitos também não leram o livro, pelo menos não inteiro, mas algo diferente foi feito, e pareceu dar muito certo. Por ter uma aula a mais, foi possível expor suas produções, dar a seus textos um interlocutor real, o que os motivou e os deixou mais preocupados com sua escrita, o que refletiu diretamente no resultado que alcançaram.

Por mais que tenha tido diversos imprevistos, como as formaturas inesperadas que reduziam consideravelmente o tempo das aulas e me obrigavam a retirar algo do planejamento, e muitas falhas, como as decisões que tomei de retirar momentos de leitura mediada, acredito que o projeto foi um sucesso. As turmas pareceram gostar de como o livro foi trabalhado e interagiram bastante, o que, além de ser fundamental para o andamento das aulas, era um dos objetivos principais desse projeto, já que ele foi pensado tendo a conversa literária como base.

10. REFERÊNCIAS

- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BAJOUR, Cecília. *Silenciografias: marcas do não-dito em leituras, textos e mediações*. Tradução: Antônio Andrade. Rio de Janeiro: IV Encontro de Ensino e Aprendizagem em Línguas em Literaturas, UFRJ, 2019.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2011.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. “Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.” In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014.
- GERALDI, João Wanderley. “Prática da leitura na escola.” In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011.
- THOMAS, Angie. *O ódio que você semeia*. Rio de Janeiro: Cameron, 2018.

11. APÊNDICES

APÊNDICE A – PLANEJAMENTO DO PROJETO

Terça-feira		Quarta-feira		Quinta-feira		Sexta-feira	
10/09	aula 1 905	11/09	—	12/09	aula 1 906		
		18/09	aula 2 905	19/09	—		
			aula 1 901				
		25/09	—	26/09	—		
			aula 2 901				
		02/10	aula 3 905	03/10	aula 2 906		
			aula 3 901				
		09/10	aula 4 905	10/10	aula 3 906		
			aula 4 901				
		16/10	aula 5 905	17/10	aula 4 906		
			aula 5 901				
		23/10	—	24/10	aula 5 906		
		30/10	aula 6 905	31/10	aula 6 906		
			aula 6 901				
		06/11	aula 7 905	07/11	aula 7 906	08/11	aula 8 905
			aula 7 901				

Aula 1	- análise dos elementos paratextuais e leitura dos capítulos iniciais
Aula 2	- contextualização
Aula 3	- seleção de temas
Aula 4	- leitura dos artigos
Aula 5	- suspenso
Aula 6	- primeira parte do filme
Aula 7	- segunda parte do filme
Aula 8	- confecção dos murais

APÊNDICE B – PLANO DE AULA DA PRIMEIRA AULA DO PROJETO



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Educação

Colégio Brigadeiro Newton Braga

Professora regente: Janaína Moreira

Professor supervisor: Marcos Scheffel

Licenciandas: Agatha Krauss e Renata de Oliveira Ferreira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 905 (9º ano)

Tema da aula: Romance *O ódio que você semeia*

Duração: 2 tempos (100 minutos)

Justificativa:

O estudo da literatura perpassa pelo direito e pela necessidade que o indivíduo possui de manifestar, em todos os níveis de uma sociedade, suas crenças, seus impulsos, seus sentimentos, suas normas, a fim de tornar-se visível e inserido no mundo. Nesse contexto, a literatura é importante na formação desse indivíduo porque, além de ser um instrumento relevante para sua instrução e sua educação, é fator indispensável de humanização (CANDIDO, 2011). Considerando os incisos IV e XII do artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a saber: *IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância; e XII – consideração com a diversidade étnico-racial*, acreditamos que o romance *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas, é de grande importância no contexto escolar, uma vez que, além de aprovado pelo PNLD literário e de abordar um tema socialmente relevante que é do interesse dos jovens (o preconceito e a discriminação racial), converge para aquilo que está na LDB, pois se trata de um livro escrito por uma autora negra que, mesmo sendo ficção, retrata uma realidade não muito distante de nós (a violência contra os negros). Contudo, focaremos na literatura como “uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado” (CANDIDO, 2011, p. 178), não apenas como forma de expressão e conhecimento, evitando, assim, o esvaziamento estético que ocorre quando ela é vista somente como um instrumento para abordar problemas sociais, pois “quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas” (BAJOUR, 2012, p. 26). A escolha pela

conversa literária também se apoia em Bajour, uma vez que acreditamos que é a partir da escuta que se constroem os sentidos. Ademais, ao mesmo tempo em que os alunos terão o direito de apresentar suas interpretações, também terão que recorrer ao texto para justificá-las, o que marca o livro como o elemento central da aula e auxilia na desconstrução da ideia de que o professor detém as respostas a respeito da obra.

Objetivos:

- 1) **Objetivo Geral:** promover a análise crítica da narrativa através da leitura mediada dos capítulos I e II e dos elementos paradidáticos.

- 2) **Objetivos Específicos:** 1) atentar para a importância dos elementos paradidáticos (capa, título, contracapa e dedicatória); 2) apresentar a autora Angie Thomas; 3) auxiliar os alunos na construção coletiva de sentidos, trabalhando a oralidade; 4) compreender o emprego da voz narrativa na 1ª pessoa, analisando os motivos e as implicações para a escolha desse tipo de narrador; 5) facilitar a leitura dos alunos ao solicitar que anotem os personagens envolvidos no drama.

Métodos e Técnicas:

De acordo com Cecilia Bajour, “um dos procedimentos fundamentais para que os leitores aprendam a discutir sobre literatura é a garantia de que suas intervenções sejam levadas em conta [...]” (BAJOUR, 2013, p. 68). Pensando nisso, a aula buscará promover uma conversa literária sobre os dois primeiros capítulos do livro *O ódio que você semeia*, bem como sobre seus elementos paradidáticos, com o acolhimento das intervenções dos alunos para que haja uma construção coletiva de sentidos.

Recursos Incentivadores:

A motivação se dará por meio de imagens de referência, da música “Who do you believe in?”, do rapper 2pac, e do desafio que será proposto aos alunos: encontrar os personagens presentes nos capítulos trabalhados, seus apelidos e a relação entre eles. Assim, além de dar a eles um propósito no momento da leitura mediada, essas anotações facilitarão a compreensão do texto, como prevê a Base Nacional Comum Curricular (EF69LP34).

Recursos Materiais:

- Livro *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas;
- Televisão, notebook, quadro e canetas;
- Material didático com a letra da música de 2pac.

Andamento provável da aula (abordagem):

- **Apresentação:** a aula será iniciada com uma análise do livro como objeto (capa e contracapa). Serão feitas perguntas aos alunos sobre que elementos eles veem ali, conduzindo-os a observar a presença do cartaz, a forma como está posicionado, quem está segurando-o e a pessoa sem identidade na contracapa. Além disso, haverá a reflexão sobre o que pode significar o título, por que mantiveram o título original (em inglês) na parte inferior do livro, por que a mudança na tradução de “give” para “semeia, por que é relevante a informação de que o livro ficou em primeiro lugar na lista do The New York Times e por que a dedicatória da autora para a avó. Todas estas perguntas serão feitas de modo a instigar os alunos a formularem hipóteses.

- **Desenvolvimento:**
 - 1) Os alunos escutarão a música “Who do you believe in?”, tendo em mãos a letra original e traduzida para que em seguida promovam uma rápida discussão sobre o que acharam da canção;
 - 2) Apresentação da autora Angie Thomas por meio de slide e leitura mediada dos capítulos 1 e 2. Durante a leitura os alunos deverão anotar os nomes dos personagens que forem aparecendo, seus apelidos e a relação entre eles;
 - 3) Impressões dos alunos a respeito do texto: o que entenderam do que foi lido, se há alguma dúvida, quem é o narrador e por qual motivo esse tipo de narrador foi escolhido.

- **Conclusão:**

Retomada da discussão sobre o título da obra, já que agora os alunos conhecerão a expressão “THUG LIFE”, breve apresentação do rapper Tupac e troca de ideias sobre as anotações realizadas no momento da leitura.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base em sua participação na discussão reflexiva sobre o romance, na execução da atividade proposta no momento da leitura dos capítulos e na interação ao final da aula, quando compartilharão o que foi entendido a respeito da relação entre os personagens do livro.

Observações:

Será solicitado que os alunos realizem em casa a leitura do capítulo 3 ao capítulo 10 para a próxima aula.

Referências Bibliográficas:

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. 5ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2011.

THOMAS, Angie. *O ódio que você semeia*. Tradução de Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Cameron, 2018.

APÊNDICE C – ROTEIRO DA PRIMEIRA AULA DO PROJETO

1. Iniciar aula com observação da capa e contracapa. Fazer perguntas para conduzir discussão e levar à uma construção coletiva de sentidos.

- [R] Que elementos vocês gostariam de destacar? Por quê?
- [A] Alguém sabe o que é New York Times? Por que é relevante a informação de que esse livro ocupa o primeiro lugar na lista desse jornal? **(lista de best-sellers jovens adultos) Jornal estadunidense fundado em 1851, que ganhou mais de 100 prêmios Pulitzer (prêmio norte-americano àqueles que realizam trabalhos de excelência na área de jornalismo e literatura), de referência nacional.**
- [R] Vocês conhecem o PNLD? Sabem do que se trata? **O Programa Nacional do Livro Didático é um programa do governo federal que visa distribuir gratuitamente para as escolas públicas livros de qualidade (avaliados por especialistas) para auxiliar no processo ensino-aprendizagem.**
- [A] Perceberam que mantiveram o título em inglês? Isso é comum em outras obras? O título foi traduzido ao pé da letra? Há alguma mudança de sentido com essa tradução? **Pensar o vocabulário: give = dá / semeia – sow / u = you (informalidade).**
- [R] Notaram algo interessante na contracapa? **A pessoa sem identidade ou invisível.**
- [A] Conhecem algum desses autores ou revistas que comentaram o livro? (contracapa) **John Green – A culpa é das estrelas / O teorema Katherine; The Horn Book – mais antiga revista bimestral dedicada à revisão de literatura infantil; Kirkus Review – revista americana de resenha de livros fundada em 1933; Adam Silvera – Lembra aquela vez / História é tudo que me deixou.**
- [R] Vocês viram para quem a autora dedicou o livro? Por que será que foi para a avó? Que escuridão seria essa? **Os velhos são os que guardam a memória de um povo, são os sábios, aqueles que detém o conhecimento.**

2. Distribuir material com letra da música de 2Pac e colocar para ouvirmos.

- [R] O que acharam da música? Acham que tem algo a ver com o livro? Por que?

3. [A] Apresentar Angie Thomas – **americana, nasceu em 1988. Testemunhou um tiroteio quando tinha 6 anos. Sua mãe a levou a biblioteca para ver que havia mais no mundo do que o que ela viu naquele dia do tiroteio, e isso a inspirou a começar a escrever. Bacharel em belas artes pela universidade Belhaven, foi a primeira aluna negra a se**

formar em escrita criativa. Enquanto era estudante universitária, Angie Thomas ouviu falar sobre o assassinato de Oscar Grant. Essa história foi uma das principais influências para **O ódio que você semeia**.

4. Leitura coletiva dos capítulos 1 e 2.

[R] Antes de iniciar leitura: desafiar alunos a anotarem personagens que forem aparecendo, quem eles são e a relação entre eles.

5. Momento para os alunos comentarem o que foi lido.

- [A] O que acharam dos dois primeiros capítulos? Gostaram? Algo não ficou claro? Perceberam quem é o narrador? Que tipo de narrador é esse? Por que será que ele foi escolhido? **Narrador-personagem, narra na primeira pessoa gramatical. Sua narração é subjetiva, imprime nela sua visão de mundo. Não é onisciente, não sabe tudo.**
- [A] Vocês notaram que na festa a Starr diz que só é conhecida como a filha de Big Mav, e não pelo seu nome, e que com frequência ela se sente invisível? O que discutimos quando estávamos analisando a contracapa?

6. Retomar discussão sobre o título.

- [R] Depois do que foi lido, vocês têm algo mais a falar sobre o título? Agora faz mais sentido?

7. [A] Apresentar o rapper 2Pac – **americano, nasceu em 1971. Foi rapper, compositor, ator e ativista social. Considerado um dos melhores rappers de todos os tempos. A maioria das suas músicas fala sobre crescer no meio da violência, a miséria dos guetos, racismo e problemas da sociedade. Seu trabalho é conhecido por defender a igualdade política, econômica, social e racial. Foi assassinado em 1996, quando tinha 25 anos. Após sua morte o The New York Times o citou como o maior rapper de todos os tempos. Destacar que foi da tatuagem do 2Pac que Angie Thomas tirou o nome de seu livro. 2Pac diz que Thug não quer dizer criminoso, e sim desfavorecido. A pessoa que não tinha nada e vence é um Thug, por ter superado todos os obstáculos. Não tem a ver com a versão do dicionário – bandido.**

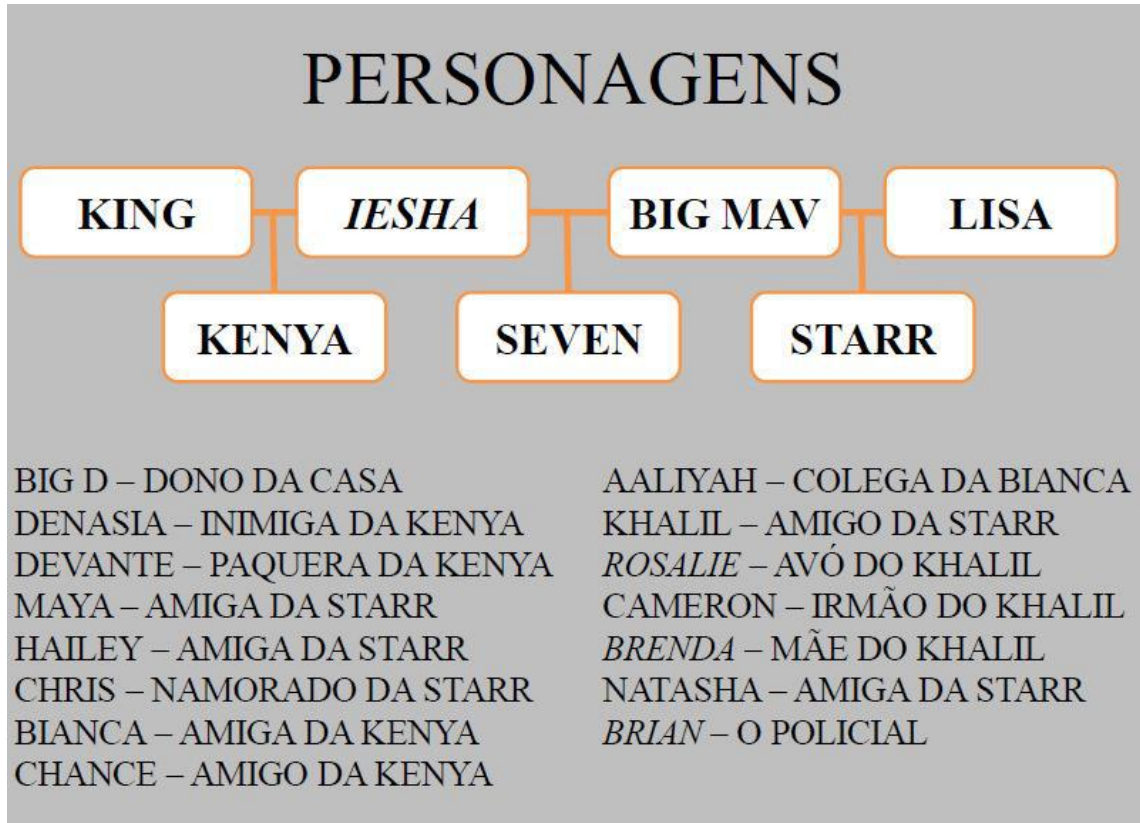
- [A] Alguém já conhecia o 2Pac, já tinha ouvido falar nele ou ouvido alguma de suas músicas?

8. Momento para compartilhar o que foi entendido a respeito dos personagens.

- [R] Quem é a personagem principal?
- [A] Qual a relação dos outros personagens com ela? **Esclarecer relação entre as famílias. Seven é irmão de Starr por parte de pai e de Kenya por parte de mãe.**

9. Solicitar que os alunos leiam do capítulo 3 ao capítulo 10 em casa para a próxima aula e continuem anotando os personagens que aparecerem.

APÊNDICE D – SLIDE COM PERSONAGENS QUE APARECEM NOS PRIMEIROS
CAPÍTULOS DO LIVRO



APÊNDICE E – ROTEIRO DA SEGUNDA AULA DO PROJETO

1. Discussão do que foi lido em casa (20 min)

- Gostariam de destacar algum trecho? [AGATHA]
- Perguntar aos alunos qual é a função desse romance? Por que a autora escreveu esse livro? *Para denunciar a violência policial*. Por que a Starr está contando a história? O livro existe por conta de que? Qual acontecimento é o centro da história? *O assassinato do Khalil*. [AGATHA]
- Mostrar que o romance é uma construção ficcional a partir de fatos que ocorreram na sociedade americana. Por exemplo, a história do assassinato de Oscar Grant, que foi uma das influências para a autora escrever a obra, e o assassinato de Emmett Till, citado no livro. Mas mesmo assim não deixa de ser ficção, não é um documento. [AGATHA]
- Questões da linguagem: fazer alunos enxergarem o trabalho de estetização da autora para construir a personagem adolescente. A narradora tem 16 anos, que relação isso tem com a forma que o livro é escrito? A linguagem é acessível, mas e a narrativa? Tão achando fácil ou difícil? [RENATA]
- Pedir que alunos demonstrem com algum trecho do livro traços da escrita informal. [RENATA]
- Como é o bairro onde a Starr mora? Como é a escola onde ela estuda? Vocês já vivenciaram algo parecido com a Starr? [RENATA]
- Comparação com livro do Lázaro Ramos – parece não haver distância temporal entre a Starr e os fatos narrados, diferente de Lázaro, que é um homem adulto escrevendo. [RENATA]

2. Contextualização (10 min) [AGATHA]

- Os Panteras Negras (slide 2) e o Programa dos 10 Pontos (slides 3 e 4)
Fundado em 1966 por Huey Newton e Bobby Seale, foi um dos grupos mais radicais na luta contra o preconceito racial nos Estados Unidos durante o século XX. Na sua criação, a principal prática foi patrulhar os guetos negros para proteger os residentes contra a violência da polícia. O partido realizou também várias ações sociais, como o café da manhã grátis para crianças, a criação de escolas comunitárias e de centros médicos para atender a comunidade negra. Eles queriam organizar as comunidades

negras dos Estados Unidos para a defesa dos seus próprios interesses e armá-las. O FBI perseguiu o partido e apontou os Panteras Negras como a principal ameaça à segurança interna dos Estados Unidos. Ao longo da década de 70 e 80 prenderam vários membros do partido, e o envolvimento do grupo com atividades ilegais, como o tráfico de drogas, provocou a perda do apoio popular. A sua dissolução ocorreu em 1982.

- Nat Turner e a Rebelião de Escravos de 1831 (slide 5)

Nat Turner foi um escravo americano que liderou uma rebelião de escravos em agosto de 1831. O plano era simples: os rebeldes viajavam de casa em casa, libertando escravizados e matando as pessoas brancas que encontravam. Para não causar alarde, os revoltosos usavam facas, machados e instrumentos contundentes ao invés de usarem armas de fogo. O ódio por conta das mazelas da escravidão fez os escravizados não levarem em consideração idade ou sexo. Turner também pensava que a violência revolucionária serviria para despertar os brancos para a realidade da brutalidade inerente ao sistema escravista. Nat Turner foi capturado poucos dias após a rebelião, mas conseguiu escapar. Foi recapturado em novembro de 1831, tendo sido julgado e condenado a morte. Centenas de escravizados foram executados também, sob suspeita de terem ajudado Turner. Turner é considerado um herói por muitos negros, ele estava disposto a fazer os escravistas pagarem por todo sofrimento dos negros, e este é um dos milhares de exemplos de luta do povo negro contra a opressão racial.

3. Vídeo da abertura de Um Maluco no Pedaco (25 min) [AGATHA] (slide 6)

- Pedir que alunos anotem trechos da música enquanto assistem ao vídeo. Terão que relacionar por que a série é tão importante para a Starr e justificar com trechos do livro. **(colocar roteiro no quadro)**

Atividade em grupo – grupos de no máximo 4 pessoas, 1 para expor as ideias.

5 min para assistir ao vídeo

10 min para discussão em grupo

10 min para discussão da turma

4. Leitura mediada do capítulo 10 (20 min) [AGATHA E RENATA]

5. Discussão sobre o que foi lido em sala (10 min) [RENATA]

- Querem destacar alguma coisa?

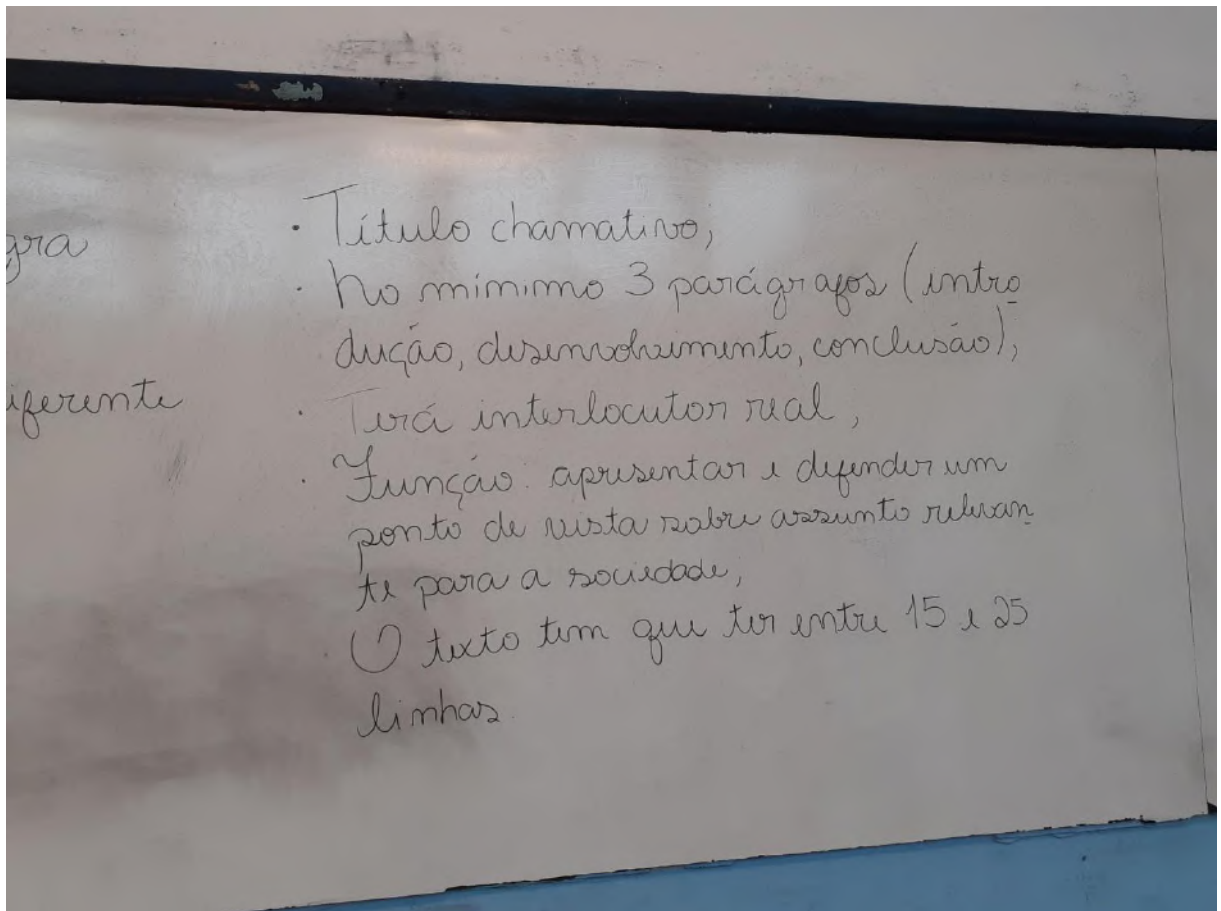
- Ciclo da violência. (slide 7)

6. Finalização da aula (**10 min**) [AGATHA]

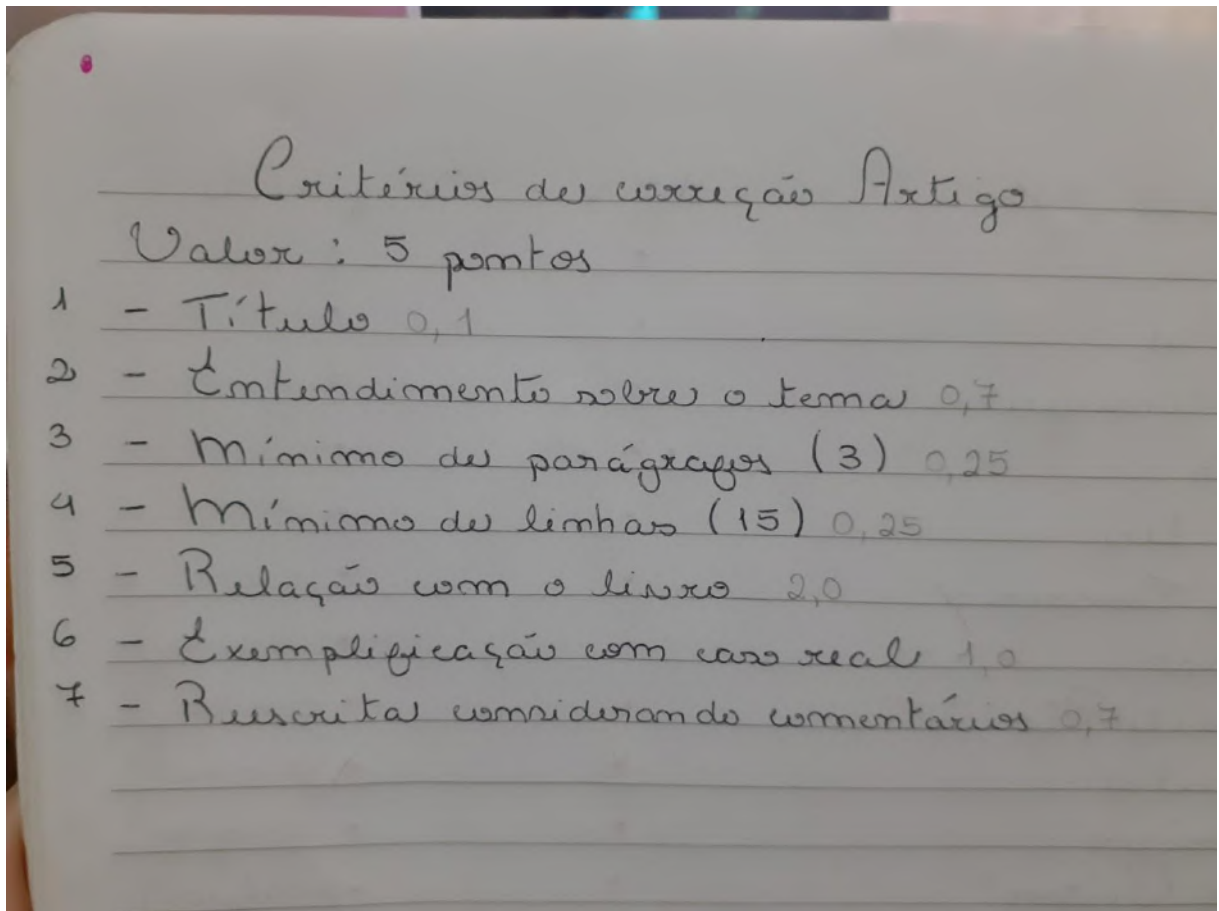
- Pedir que alunos leiam do capítulo 11 ao 24 em casa, anotando temas possíveis para a escrita de um artigo de opinião. Terão que justificar a escolha dos temas com trechos do livro. Na aula seguinte construiremos coletivamente uma lista com os temas. Ao escreverem o artigo, terão que citar alguma parte do livro como exemplo do que estão falando, mas sem esquecer de que o livro é ficção.

Pedir também que alunos preparem leitura dos capítulos 25 e 26 para a próxima aula, pois a leitura será feita por eles.

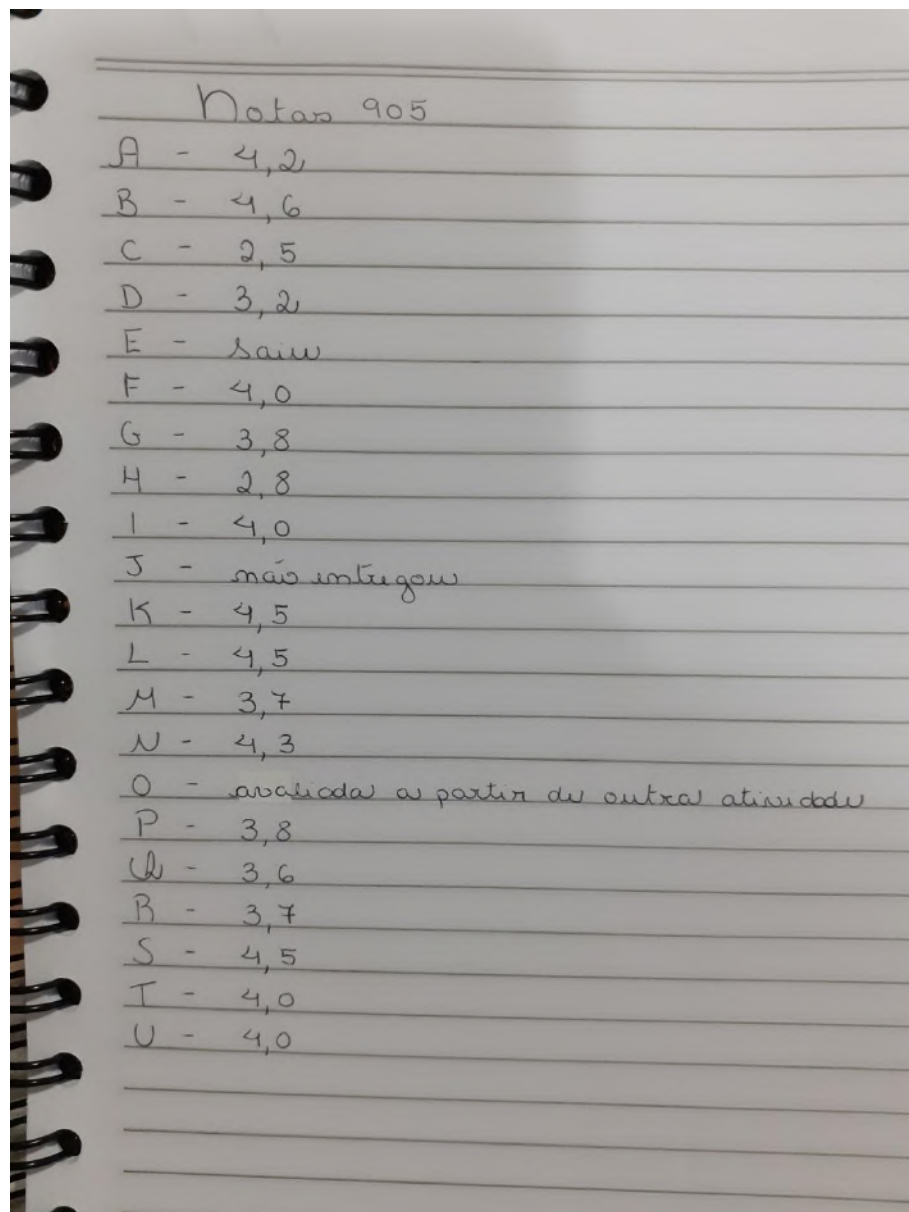
APÊNDICE F – INSTRUÇÕES PARA A ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO



APÊNDICE G – CRITÉRIOS PARA A CORREÇÃO DOS ARTIGOS DE OPINIÃO



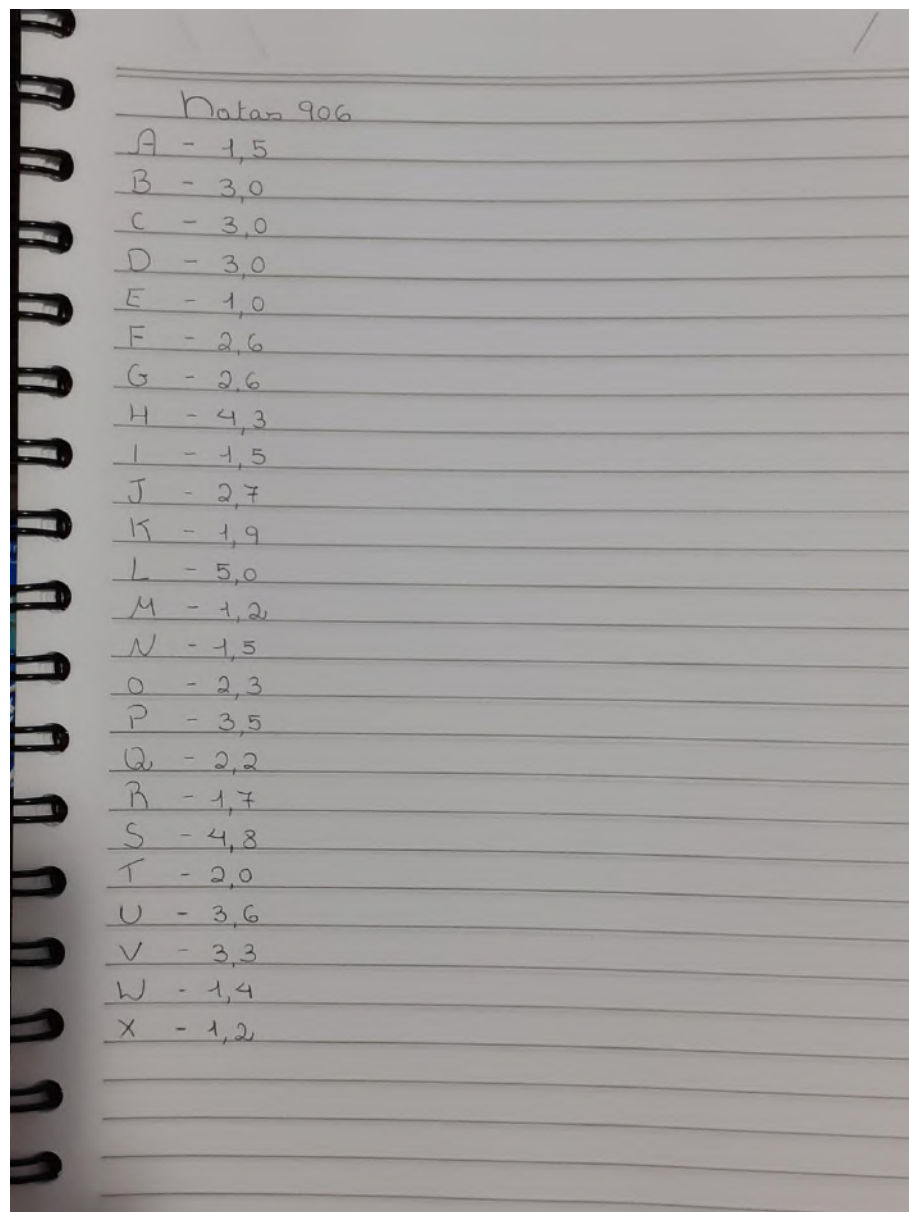
APÊNDICE H – NOTAS DA TURMA 905



Notas 905

A	-	4,2
B	-	4,6
C	-	2,5
D	-	3,2
E	-	Saiu
F	-	4,0
G	-	3,8
H	-	2,8
I	-	4,0
J	-	não integrou
K	-	4,5
L	-	4,5
M	-	3,7
N	-	4,3
O	-	avaliada a partir de outras atividades
P	-	3,8
Q	-	3,6
R	-	3,7
S	-	4,5
T	-	4,0
U	-	4,0

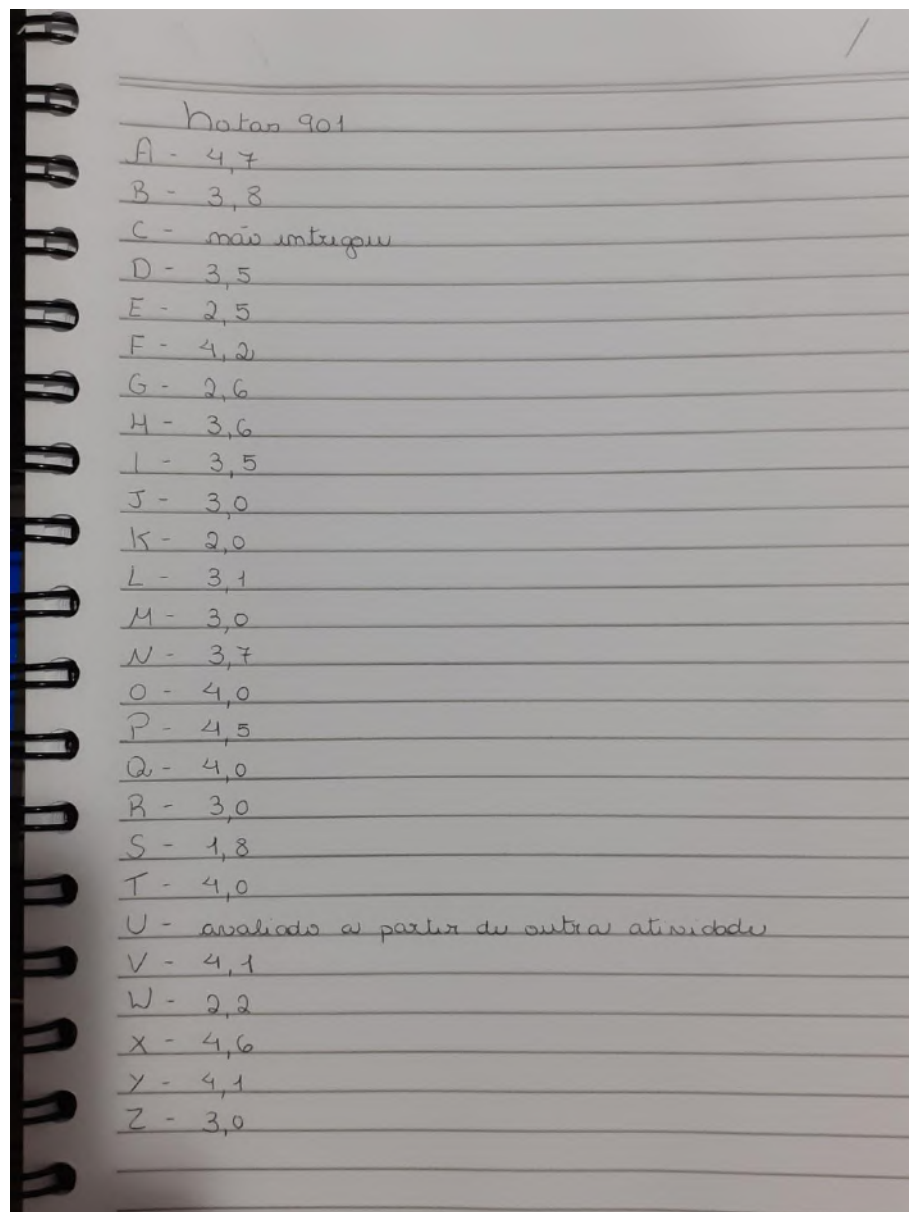
APÊNDICE I – NOTAS DA TURMA 906



Notas 906

A	- 1,5
B	- 3,0
C	- 3,0
D	- 3,0
E	- 1,0
F	- 2,6
G	- 2,6
H	- 4,3
I	- 1,5
J	- 2,7
K	- 1,9
L	- 5,0
M	- 1,2
N	- 1,5
O	- 2,3
P	- 3,5
Q	- 2,2
R	- 1,7
S	- 4,8
T	- 2,0
U	- 3,6
V	- 3,3
W	- 1,4
X	- 1,2

APÊNDICE J – NOTAS DA TURMA 901



Notas 901

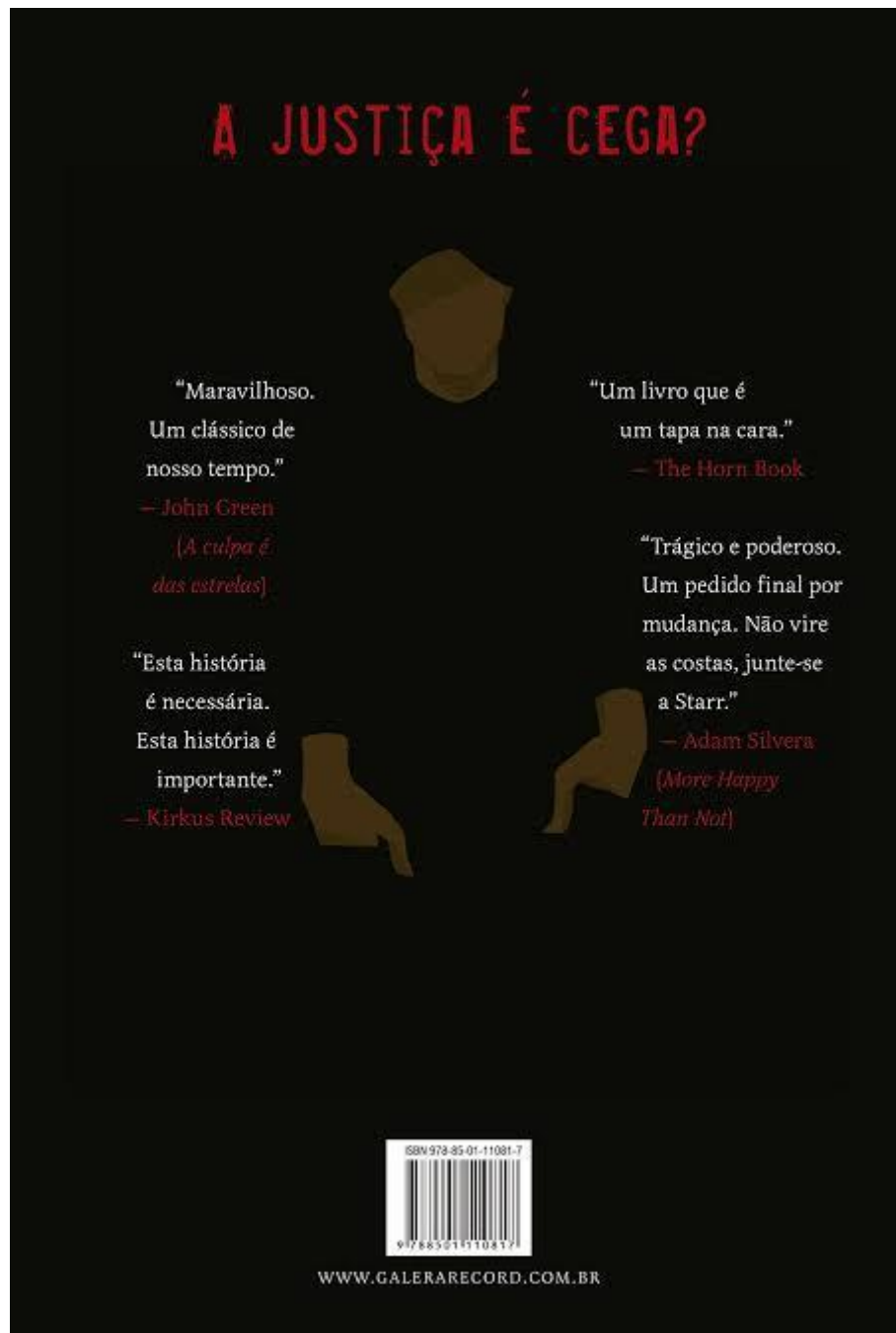
A	-	4,7
B	-	3,8
C	-	mão inteira
D	-	3,5
E	-	2,5
F	-	4,2
G	-	2,6
H	-	3,6
I	-	3,5
J	-	3,0
K	-	2,0
L	-	3,1
M	-	3,0
N	-	3,7
O	-	4,0
P	-	4,5
Q	-	4,0
R	-	3,0
S	-	1,8
T	-	4,0
U	-	avaliado a partir de outras atividades
V	-	4,1
W	-	2,2
X	-	4,6
Y	-	4,1
Z	-	3,0

12. ANEXOS

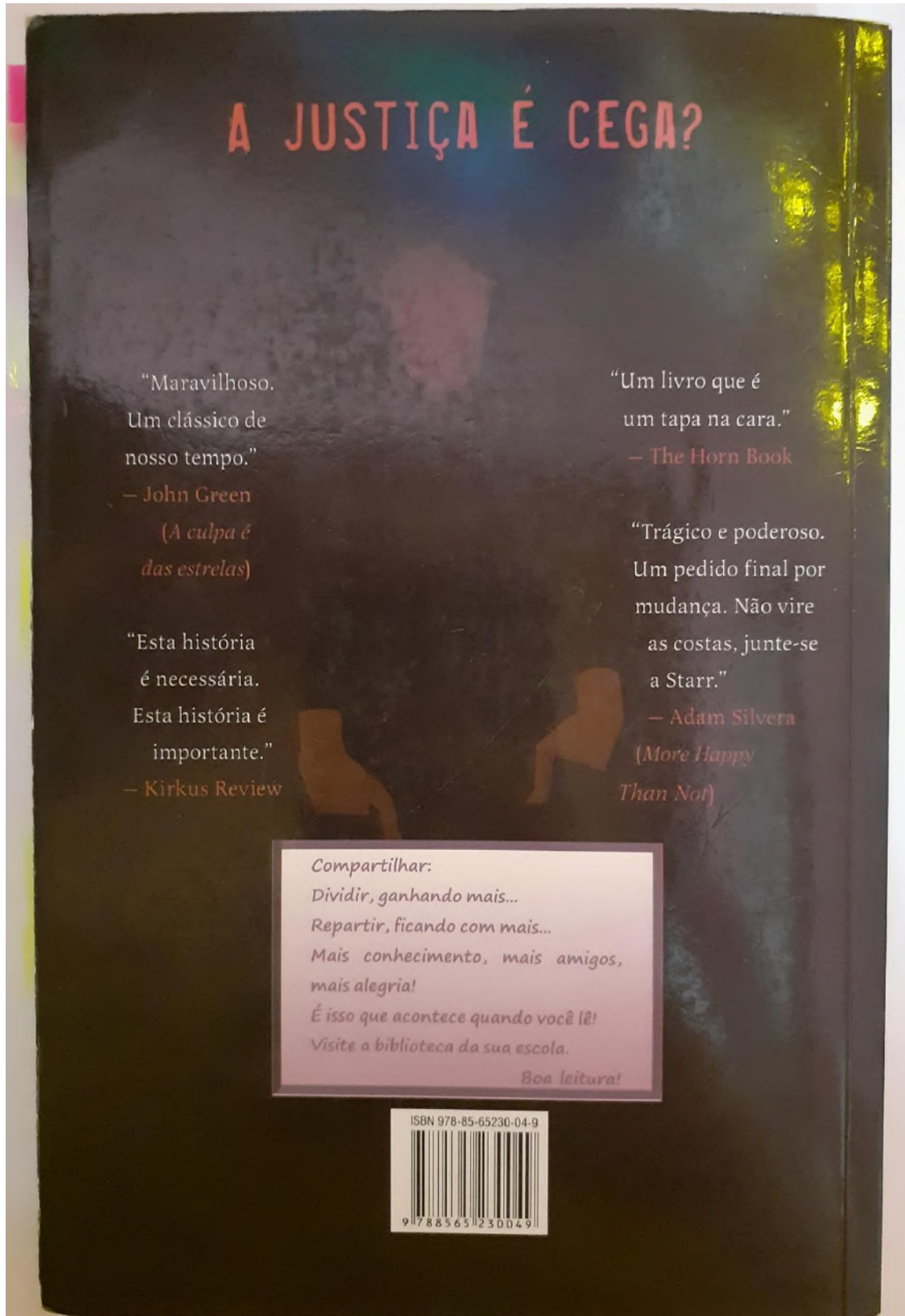
ANEXO 1 – CAPA DO LIVRO *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA* DISTRIBUÍDO PELO
PNLD-LITERÁRIO

ANEXO 2 – CAPA DO LIVRO *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA*



ANEXO 3 – CONTRACAPA DO LIVRO *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA*

ANEXO 4 – CONTRACAPA DO LIVRO *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA* DISTRIBUÍDO
PELO PNLD-LITERÁRIO



ANEXOS 5, 6 E 7 – LETRA DA MÚSICA WHO DO YOU BELIEVE IN?, DE 2PAC

Who Do You Believe In?, 2Pac

Let us pray
 Heavenly Father, hear a nigga down here
 Before I go to sleep
 Tell me, who do you believe in?
 Who do you believe in?

I see mothers in black cryin, brothers in packs dyin
 Plus everybody's high, too doped up to ask why

Watchin our own downfall, witness the end
 It's like we don't believe in God cause we livin in sin
 I asked my homie on the block why he strapped, he laughed
 Pointed his pistol as the cop car passed and blast
 It's just another murder, nobody mourns no more
 My tear drops gettin bigger but can't figure what I'm cryin for
 Is it the miniature caskets, little babies
 Victims of a stray, from drug dealers gone crazy
 Maybe it's just the drugs, visions of how the block was
 Crack came and it was strange how it rocked us
 Perhaps the underlying fact they hide explain genocide
 It's when we ride on our own kind
 What is it we all fear, reflections in the mirror
 We can't escape fate, the end is gettin nearer

[Chorus 2X]

Who do you believe in?

I put my faith in God, blessed and still breathin
 And even though it's hard, that's who I believe in
 Before I'm leavin, I'm askin the grievin - who do you believe in?

Can't close my eyes cause all I see is terror

I hate the man in the mirror
 Cause his reflection makes the pain turn realer
 Times of Armageddeon, murder in mass amounts
 In this society where only gettin the cash counts
 I started out as a beginner
 Entered the criminal lifestyle became a sinner

I make my money and vacate, evade prison
 Went from the chosen one to outcast, unforgiven

Em quem você acredita?, 2Pac

Comece a rezar
 Pai divino, ouça um negro aqui em baixo
 Antes de ir dormir
 Me fale, em quem você acredita?
 Em quem você acredita?

Eu vejo mães de preto chorando, irmãos no embalo morrendo
 Mais forte de todos, chapado demais pra perguntar porque
 Assistimos nosso próprio capote, testemunhe o fim
 É como se nós não acreditássemos em Deus, porque vivemos em pecado
 Perguntei ao meu mano por que ele entrou nessa, ele riu
 O polícia no carro apontou sua pistola e atirou
 É só outro assassinato, ninguém lamenta mais
 Minhas lágrimas aumentam, mas não podem demonstrar porque estou chorando
 Caixões miniaturas de pequenas crianças
 Vitimas indigentes, traficantes vão à loucura
 Talvez sejam apenas drogas, lembro de como a quebrada era
 O crack chegou e mexeu com a gente
 Talvez o fato subjacente que eles escondem explique o genocídio
 É como se montássemos em nós mesmos
 O que é isso que nós tememos, o reflexo no espelho
 Não podemos escapar do destino, o fim fica mais próximo

[Refrão 2x]

Em quem você acredita?

Eu coloquei minha fé em deus, e abençoado continuo respirando
 Embora seja difícil, é nisso que eu acredito
 Antes de ir embora, eu pergunto lamentando - em quem você acredita?

Não posso fechar meus olhos porque tudo que eu vejo é terror
 Eu não gosto do homem que vejo no espelho
 Porque seu reflexo faz a dor virar mais real
 Tempo do Armageddon, assassinatos em massa
 Nessa sociedade onde só pagamos contas
 Comecei como um principiante
 Agora tenho um estilo de vida criminal e me tornei um pecador
 Eu faço meu dinheiro fácil, evitando a prisão
 Fui do escolhido para pária, imperdoável

And all the Hennessy and weed can't hide, the pain
I feel inside
You know, it's like I'm livin just to die
I fall on my knees and beg for mercy, not knowin if
I'm worthy
Livin life thinkin no man can hurt me

So I'm askin -- before I lay me down to sleep
Before you judge me, look at all the shit you did to
me, my misery
I rose up from the slums, made it out the flames
In my search for fame will I change? I'm askin

[Chorus 2x]

Faith in Allah, believe in me and this plastic
Cause so far I done witnessd to many dead niggaz
in caskets
With they chest plates stretched like elastic
And what's worse I'm on front line, holdin down
camp, still mashin
Heard my cousin, one of the old heads from the
block
Just came home October of '95 back in Yardsville
stuck
with a three to five, if he don't act up, now he
realize
If you don't stay wise, then in this game you fucked
Talk to my baby girl, give me the word on what she
heard
One of the grimies is snitchin, Diamond a stool
pigeon I talked to him
He said he didn't, my man said he did, in fact he's
sure
Cause he just came home off of bail
Now tell me

[Chorus 2x]

Who do you believe in?
Is it Buddah, Jehovah, or Jah? Or Allah?
Is it Jesus? Is it God? Or is just yourself?
Definitely not to be imposed, being a demon

Because this is the joy of believing!
Men, to believe in yourselves
But for sure, the higher power
Resides only to ride in the heart of the true
From the soul, of the man; for truth never has an
alibi
In the poetry, or in it's realm
That's what pulls all words together

E toda Hennessy e maconha não podem esconder,
a dor que sinto por dentro
Sabe, é como eu estou, vivendo pra morrer
Eu dobro os joelhos e peço por ajuda, mesmo não
sendo merecedor
Viva a vida pensando que nenhum homem pode te
ferir

Então eu pergunto - antes de ir dormir
Antes de me julgar, olhe toda a merda que você fez
pra mim, minha miséria
Eu me rebelei no gueto, fiz isso fora do fogo
Na procura por fama eu mudei? Então eu pergunto

[Refrão 2x]

Fé em Allah, acredite em mim e nesse plástico
Porque até agora eu testemunhei muitos negros
mortos em caixões
Eles tão com o peito esticado tipo elástico
É que eu sou pior quando estou na linha de frente,
dominando o território, continuo triturando
Ouvindo meu primo, um chefão da quebrada

Voltou pra casa em outubro de 95 e foi preso atrás
da Yardsville
Com um 3 pra 5, se ele não agir em cima, agora ele
tá ligado
Se não for esperto, nesse jogo ele tá fudido
Fale com o meu amor, e me dê a palavra que ela
ouviu
Um dos grimies é cagueta, Diamond é um leva-e-
trás, falei com ele
Ele disse que é inocente, meu mano o contrário, de
fato ele tá certo
Porque ele acabou de volta pra casa de fiança
Agora me fale

[Refrão 2x]

Em quem você acredita?
Em Buddah, Jeová, ou Jah? Ou Allah?
Em Jesus? Em Deus? Ou só em você mesmo?
Definitivamente, não sendo imposto, sendo um
demônio

Porque isso é a chave de ter fé!
Homens, acreditem em vocês mesmos
Mas com certeza o poder mais alto
Reside dentro do coração verdadeiro
Da alma, do homem, porque a verdade não tem um
alibi
Na poesia, ou em um lugar
É isso que puxa todas as palavras

Just to understand, that every man, is his own man

And only man can satisfy the man
 Only the soul of the man, the feelings of the man
 The for realness of the man
 You can't shake the man when you feel the man you
 know the man
 And you gotta call yourself because you are that
 man

Who do you believe in?
 I put my faith in God, blessed and still breathin

Even though it's hard (Who do you believe in?)
 That's who I believe in (Put my faith in God)

Before I'm leavin (Even though it's hard)
 I'm askin the grievin
 (Before I'm leavin I'm askin the grievin - who do
 you believe in?)
 Who do you believe in? (Who do you believe in?)
 Who do you (Blessed and still breathin)
 Oh blessed, oh blessed
 (Before I'm leavin I'm askin the grievin - who do
 you believe in?)

Oh who do you
 Do you believe in
 Hohhhhh-ohhhhh

Who do you believe in?
 I put my faith in God, blessed and still breathin

And even though it's hard, that's who I believe in
 Before I'm leavin I'm askin the grievin - who do
 you believe in?

I'm askin (Who do you believe in?)
 I'm askin you (Put my faith in God)
 (That's who I believe in)
 (Before I'm leavin I'm askin the grievin - who do
 you believe in?)

Who do you believe in?
 I'm blessed and still breathin
 That's who I believe in
 Before I'm leavin, I'm askin the grievin
 Who do you believe in?
 Who do you believe in?

Somente entender, que todo homem, tem um
 próprio homem
 E só um homem pode entender um homem
 Só a alma do homem, os sentimentos do homem
 Para o reinado de um homem
 Você não pode agitar um homem quando você
 sente que conhece o homem
 E você precisa acordar porque você é esse homem

Em quem você acredita?
 Coloquei minha fé em Deus, fui abençoado e ainda
 respiro

Embora seja difícil (Em quem você acredita?)
 Isso é o que eu acredito (Coloquei minha fé em
 deus)

Antes de eu partir (Embora seja difícil)
 Estou pedindo arrependimento
 (Antes de ir eu pergunto lamentando - em quem
 você acredita?)
 Em quem você acredita? (Em quem você acredita?)
 Em quem você é (E abençoado continuo respirando)
 Oh abençoado, oh abençoado
 (Antes de ir eu pergunto lamentando - em quem
 você acredita?)

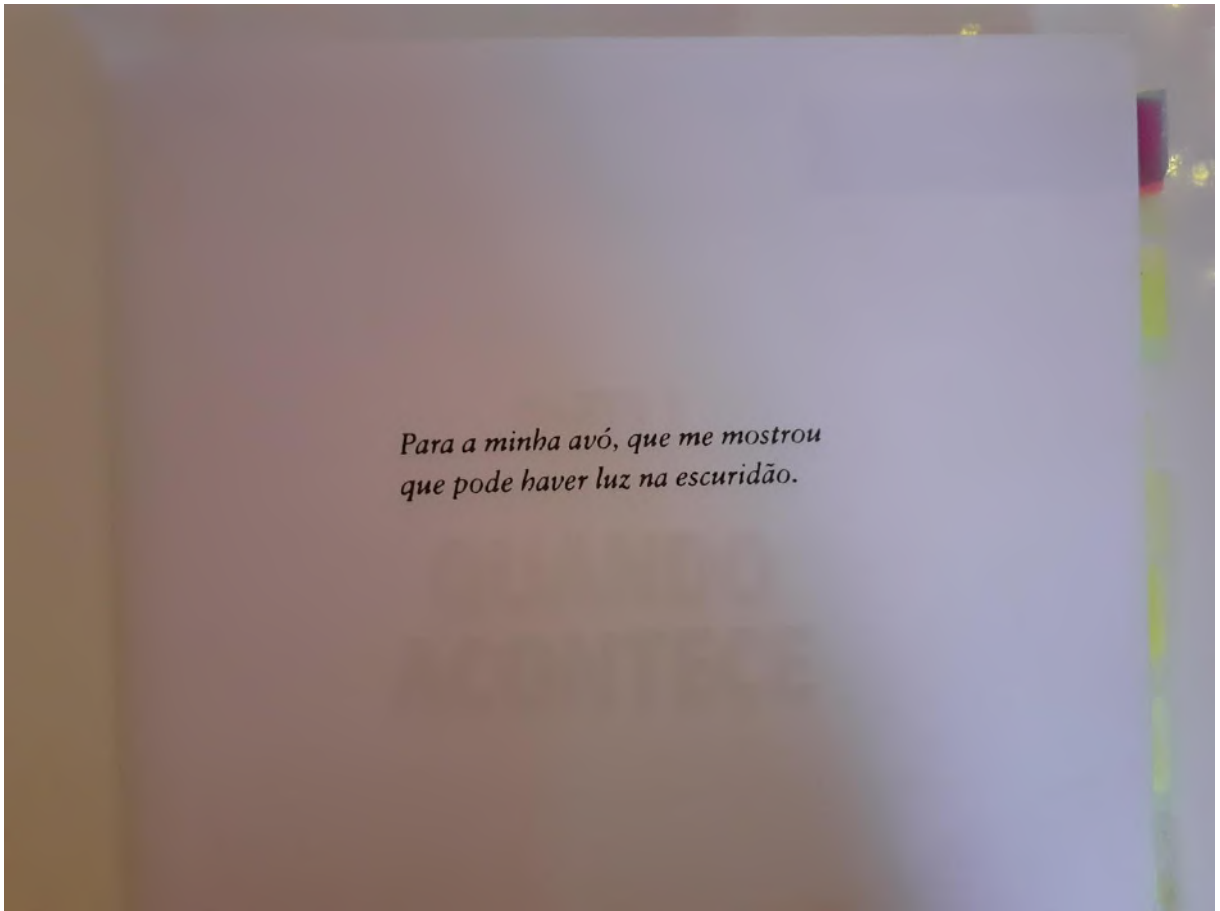
Oh em quem você
 Quem você acredita
 Hohhhhh-ohhhhh

Em quem você acredita?
 Eu coloquei minha fé em Deus, fui abençoado e
 ainda respiro

Embora seja difícil, é nisso que eu acredito
 Antes de ir eu pergunto lamentando - em quem
 você acredita?

Eu pergunto (Em quem você acredita?)
 Eu pergunto a você (Coloquei minha fé em Deus)
 (Isso que eu acredito)
 (Antes de ir eu pergunto lamentando - em quem
 você acredita?)

Em quem você acredita?
 Estou abençoado e continuo respirando
 Nisso que eu acredito
 Antes de eu ir, estou perguntando
 Em quem você acredita?
 Em quem você acredita?

ANEXO 8 – DEDICATÓRIA DO LIVRO *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA*

ANEXO 9 – PRIMEIRA VERSÃO DO ARTIGO DA ALUNA P, TURMA 901

Proteção para quem?

Um dos principais assuntos abordados no livro "Ódio que não é semente" da Angie Thomas, é a violência policial, podendo ser verbal ou física. Muitos policiais, por possuírem grande autoridade, acabam abusando de seu poder e ^{aquele dando} prejudicando o povo ^{que pode} que, ^{mas maioria das vezes, não inocentes} não necessariamente estão cometendo crimes, e que quando estão, não tratam com abuso. Alguns vão até mortes.

Segundo a "Folha de São Paulo", a cada 10 mortes violentas no Brasil é causada por policiais, e ^{que enquanto os assassinatos} ^{com causas} ^{que temo comentei nas} ^{causados por policiais} ^{bate o recorde.} As pessoas responsáveis pela mesma quantidade ^{estão} ^{celebrando em países.} No site "Aos Fatos" ^{mentra} o perfil de pessoas que ^{morrem} ^{mas mãos de policiais} ^{que não geral-} ^{mente} ^{homens,} ^{negros} e ^{jovens} de 15 a 29 anos.

Esses abusos acontecem pois ^{esses} ^{policiais} ^{geralmente} ^{saem} ^{ilesos} ^{das} ^{acusações} ^{ou} ^{nem} ^{entram} ^{em} ^{juízo} ^{de} ^{procedimento}. No próprio livro, a protagonista Starr fala "Todo mundo está com raiva porque UM-QUINZE (o policial) não foi acusado, mas também porque não é o primeiro a fazer uma coisa assim e se safar".

Enquanto a justiça ^{de poder} ^{que os poderes continuam exagerando em suas ações da} ^{continua} ^{respeito} ^{desse} ^{casos} ^{de} ^{abusos}, a população ^{vai} ^{continuando} ^{morrendo}. Nas ^{qualquer} ^{população}, a população de baixa renda, negra e periférica.

[redacted], seu artigo está ótimo. Só precisa revisar as questões assinaladas e pensar em um título mais chamativo.

ANEXO 10 – PRIMEIRA VERSÃO DO ARTIGO DO ALUNO L, TURMA 906

S T Q ■ S S D

17/10/19

Último título!!!

A COR INVISÍVEL

2. Um espaço do protagonista

Boa introdução. Para ficar perfeito, poderia explicar que poucos personagens negros que vemos quase sempre são brancos, em vez de dizer qualquer coisa.

Quantos personagens negros você já viu? Em qualquer mídia do entretenimento de massa (Quadrinhos, filmes, jogos, animais, desenhos e etc). Já percebeu a diferença de quantidades de personagens brancos e negros nas mídias em geral? Percebe-se claramente que há uma proporção completamente desigual.

No livro "Ódio que você semeia", por exemplo, Star, a protagonista, do mesmo se encontra em uma situação muito parecida com a de Will, em *Um maluco no céu*. Então já percebeu que em diversos momentos do livro a garota tenta imaginar o que Will faria nas situações em que ela se encontra, isso é um exemplo, mesmo que fictício, de como essas mídias têm influência sobre nós.

Então como você acha que jovens e crianças negras se veem numa sociedade em que o protagonista é sempre um branco, certo, se emergem como alguém que não importa para a sociedade.

Então, como podemos esperar que o racismo acabe um dia, sendo que os protagonistas da maioria das histórias ainda são homens brancos? Por isso é muito importante representações de negros nessas mídias, como Miles Morales em aranha-verde, para que todos possam se identificar com personagens independentemente da cor da pele ou qualquer outra característica. *palavra sobre racismo tá lá e tá*

Então, como podemos esperar que o racismo acabe um dia, sendo que os protagonistas da maioria das histórias ainda são homens brancos? Por isso é muito importante representações de negros nessas mídias, como Miles Morales em aranha-verde, para que todos possam se identificar com personagens independentemente da cor da pele ou qualquer outra característica.

Nome - [redacted] seu artigo está maravilhoso. Fiquei muito impressionado com o seu entendimento sobre o tema. Você só precisa corrigir algumas questões pontuais. Fiquei muito feliz por ler um texto tão claro e profundo de um aluno do 9º ano. Parabéns

Turma - 906

Tema - invisibilidade dos negros

spirati

ANEXO 13 – PRIMEIRA VERSÃO DO ARTIGO DO ALUNO I, TURMA 905

905

Pensar em título mais chamativo.

DESTAQUES

Os policiais e seu modo de agir

Cham práticas a agressão? Por que? Qual seu posicionamento?

Última frase inicial

As periferias do Rio são ^{os locais} locais de ataques de agressão a jovens negros. O preconceito racial que ali habita, com muita força e impacto a jovens não entende

Isso também ^{é mostrada} acontece no livro da autora Angie Thomas, onde ^{é imitada} a discriminação a afro-descendentes de lairers pobres, como apresenta-
do na cena da morte de Khalil. O modo de agir do personagem Um-Quinze é ^{comum em comunidades de todo o Rio.} comum em comunidades de todo o Rio. ^{Pouquíssimas reflexões! Seria bom exemplificar a todos alguns casos reais.}

O melhor modo de combater tais atrocidades é com a distribuição de cultura em periferias. Existência de ^{de} palestras para policiais de todas as delegacias ^{com} e o bom senso de quem mora fora das comunidades ^{comunitárias}

[Redacted], ficou atento ao mínimo do limbo pedido, 15. Você teve boas ideias, só precisa desenvolver seguindo os comentários e dar mais força ao seu artigo trazendo notícias sobre violência nas periferias.

ANEXO 14 – VERSÃO FINAL DO ARTIGO DO ALUNO H, TURMA 906

4,3

Nome: [redacted]

Turma: 906

Tema: desrespeito policial

Faltou o título

Essa cada vez mais o número de mortes de inocentes em ações policiais no Rio de Janeiro. Isso é consequência da falta de preparo físico e psicológico dos policiais militares.

Um caso bastante recente foi da operação policial na comunidade do Para Pedro, que matou Kelvin, jovem ^{de etnia mista} marcadamente negro que foi baleado durante um confronto entre policiais e Bondeles. Esse tipo de situação é muito comum nas periferias, e diariamente muitas pessoas são vítimas dessa guerra, ^{no entanto, depois de alguns} a maioria é marcadamente de comunidade ^{negra} e de baixa renda. Após o matança de Kelvin houve uma manifestação por causa da injustiça que ele sofreu. Um policial agradeceu os populares presentes e ^{desferiu} um tiro para o alto com a desculpa de que era para tentar abrir o trânsito. Esse fato também é mostrado num livro que se chama "O dia que você lembra" ^{o livro} onde um jovem negro também ^{foi} morto por um policial. ^{o livro tem finalizado o parágrafo dando sua opinião sobre o ocorrido}

Policiais tem falado um pouco mais do livro

O livro "O dia que você lembra" retrata essa dura realidade dos jovens negros que moram em bairros periféricos. Um exemplo disso é Khalil, um jovem marcadamente da periferia que foi morto injustamente por um policial branco racista.

o livro já tem o título de livro retrata a realidade dos jovens

Para acabar com esse desrespeito policial e com a violência ^{de armamentos} causada por esse desrespeito, ^{isso} o estado ou o governo deveria revisar todos os seus regulamentos sobre a conduta dos policiais. ^{deviam} também aumentar o tempo de treinamento físico e psicológico, para que nenhum inocente ^{morresse} morresse novamente.

[redacted] seu texto evoluiu bastante!

ANEXO 15 – VERSÃO FINAL DO ARTIGO DO ALUNO S, TURMA 906

4,8

Bom título
Periferia: o abis de idade

As periferias são, na maioria das vezes, não lugares onde não há condições de uma vida digna, são lugares sem serviços, sem saneamento básico onde se concentram os miseráveis. Essas pessoas em meio a essas condições se desiludem e fogem de tudo para sobreviver e até mesmo criar seus filhos.

Quem vive em bairros periféricos tem dificuldade para encontrar um...
 Essas pessoas não têm oportunidade no mercado de trabalho, não têm uma oportunidade para melhorar suas vidas. Até por a única porta aberta que existem são as atividades de comércio, muitas vezes, aliás a única vez que se exercitam. Os trabalhos com poucas oportunidades, e vivem repressão e não são tratados como cidadãos. Os direitos, oculta em tal tornando inimigo do Estado, porque não tiveram o direito e porque representam uma realidade.

Com isso tudo iniciou-se uma espécie de guerra civil do Estado contra as periferias. Isso fica bem explícito porque, uma vez que o próprio governador fala que não é aqui - eles - de quem se trata, os comunicados, inclusive mencionaram a imagem de "inimigo" através da imprensa e o medo, a polícia, e a instauração de comunidade. Com isso o irmão tudo, há as operações policiais que é por onde a polícia chega nas comunidades, e muitas operações para combater criminosos, mas, na maioria das vezes, oculta tirando vidas de inocentes, um exemplo recente foi de São Paulo, que levantou uma laje na ilha Kennedy, quando foi deixado pela helicóptero da polícia. O irmão "olha que não temia" operária da construção. Isso que se assemelha bastante com o estado real, o Winira é a casa de Khabib, que foi morto porque a polícia se imaginou "uma acrobacia em um helicóptero", que ia fazer o seu treino de futebol quando policiais o abriaram para confundir com um traficante e outro aspecto é que em qualquer manifestação nas comunidades há o medo e na cidade a polícia representa sistematicamente o modo de resolução de tudo. Para combatermos isso e mudar a realidade atual, e os métodos...

excelente
reflexão

nome:
 TURMA: 906

ANEXO 16 – VERSÃO FINAL DO ARTIGO DO ALUNO I, TURMA 905

4,0

Nome:

Turma: 905

Tema: A violência nas periferias
faltou o título

As periferias do Rio são lar de altas taxas de agressão a jovens negros. Quem comete a maioria das agressões são aqueles que deveriam nos proteger, os policiais. O motivo principal para esse comportamento é o preconceito racial que ali habita.

A discriminação a afrodescendentes de bairros pobres é mostrado no livro da autora Angie Thomas, "Ódio que recônsua". O modo de agir do personagem Un-Quinn, o policial, comum em comunidades de todo Rio *que*

Para combater tais atrocidades *deu um da* necessário combater o preconceito racial *reputação* a partir da conscientização da sociedade.

a pontuação não deve ser atribuída das palavras que o autor tirou Além disso, é preciso preparar melhor os policiais, organizando palestras nas delegacias

seu artigo melhorou muito em relação ao primeiro. Você poderia ter usado algum exemplo específico da violência nas periferias que tenha sido motivado. Seu artigo teve ficado perfeito.

ANEXOS 18 e 19 – PRIMEIRA VERSÃO DO ARTIGO DO ALUNO U, TURMA 901

D S T ~~Q~~ Q S S

9 | 10 | 19

C.B.N.B. - AV1 Redação - Prof. Jamaína - Turma 901 - Al:

tipo textual: artigo de opinião

tema: Naturalização do racismo.

Preconceito: Do passado ao presente.

Olhe a sua volta, tente sentir, notar e ouvir as palavras vazias, de preconceito, proferidas por pessoas tolas e insensatas. Todavia a culpa não é exclusivamente delas, são hábitos e costumes ensinados há tempos que hodiernamente se naturalizaram. Voltaire, certa vez disse "Preconceito é opinião sem conhecimento". Esta fala assume grande veracidade visto que os praticantes de ato tão lesivo desconhecem daquilo que falam e pregam.

Em uma análise macro, práticas racistas contra os negros são recorrentes há gerações. Arquivos da Biblioteca Nacional bem como livros, gravuras, cartas, etc., nos revelam que o indivíduo negro tempos atrás era tratado como um produto, assim como cravo, caneta, pimenta... Posteriormente, no período da Primeira Guerra Mundial, a história nos elucidou sobre uma tese científica mal interpretada que tomou conta dos pensamentos da população europeia, o Darwinismo Social, que discorria que raças inferiores como negras, indígenas e asiáticas eram menos desenvolvidas que os europeus desenvolvidos, entre outros fatores históricos que abalaram e prejudicaram a vivência dos negros.

Em uma análise micro, o negro encontra vários obstáculos no meio da sociedade. Segundo o jornal Brasil Estadão, 75% das vítimas de homicídios no país são negros, visto que essas pessoas são erroneamente associadas a ameaça. No livro "O ódio que você semeia", a morte do personagem Khalil nos exemplifica tal fato, já que o mesmo foi assassinado pelo simples motivo de ser negro, algo presente em nossa sociedade hodiernamente que deve ter fim.

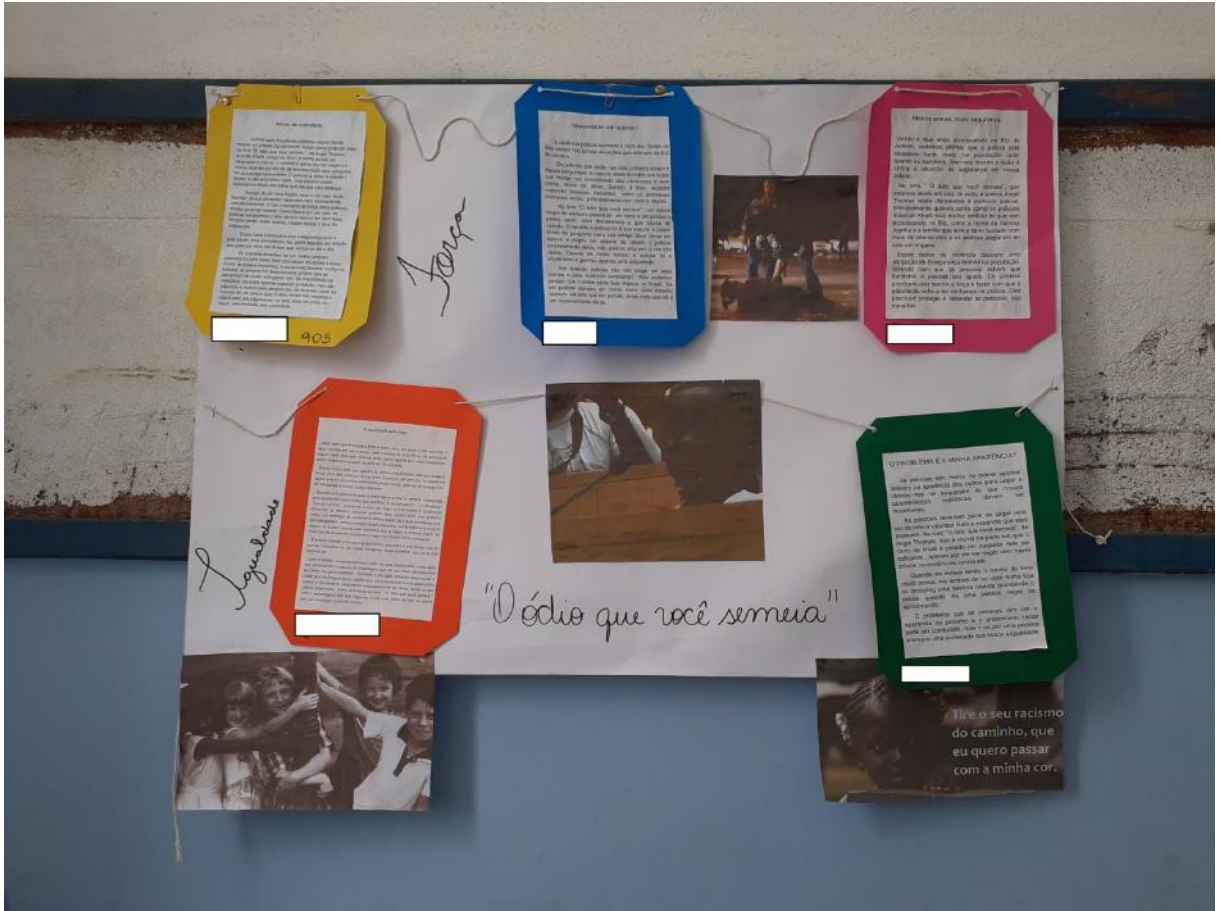
São vários fatos históricos, reportagens ~~x~~ matérias ~~x~~ que nos revelam que há décadas o negro é maltratado e humilhado, porém esta maldade

kajoma

D B T Q Q S S

prática deve terminar, a começar por nós. Assim como Leminski disse, "em mim eu vejo o outro."

[redacted], acho que você escolheu um tema fora da lista cons-
truída pela turma. Os temas possíveis são: violência poli-
cial, pessoas racistas que não aceitam ser chamadas de racis-
tas, naturalização do racismo, ressocialização das classes peri-
féricas na sociedade e culpabilização das vítimas. Além disso,
o seu texto apresenta a estrutura de uma redação modelo ENEM,
com as citações de Voltaire e Leminski, não de um artigo de opi-
nião.



Nome: [redacted]
 Tema: [redacted]

COPIAR PARA O ALUNO DO LADO

Na noite há um comércio de que a polícia, mais uma vez, não conseguiu fazer nada. O comércio é de drogas, mas também é de alimentos. Há muitas coisas que são vendidas lá, como frutas, verduras e legumes. É um comércio muito antigo e muito conhecido.

Em São Paulo, existem muitos desses pontos de venda de drogas e alimentos. Eles são chamados de "pontos de venda" e são muito comuns em áreas pobres e periféricas. Esses pontos de venda são muito importantes para a população que vive nessas áreas, pois eles oferecem uma alternativa para a compra de alimentos e outros produtos.

Porém, a venda de drogas é muito prejudicial à saúde e à sociedade. Ela gera muitos problemas, como a dependência química, a violência e a criminalidade. Por isso, é muito importante que a polícia continue trabalhando para acabar com esse comércio ilegal.

Nome: [redacted]
 Tema: [redacted]

A violência que persegue jovens e negras

A violência que persegue jovens e negras é muito comum em áreas pobres e periféricas. Ela é causada por muitos fatores, como a falta de oportunidades, a desigualdade social e a discriminação racial. Essa violência é muito prejudicial à saúde e à sociedade, pois ela gera muitos problemas, como a dependência química, a violência e a criminalidade.

Por isso, é muito importante que a sociedade trabalhe para acabar com essa violência. Isso pode ser feito através de muitas maneiras, como a criação de mais oportunidades de emprego, a melhoria da educação e a promoção da igualdade racial.

Quando vemos notícias sobre violência contra jovens e negras, sentimos muita tristeza e indignação. É muito importante que a polícia continue trabalhando para acabar com essa violência e proteger a população que vive nessas áreas.

Nome: [redacted]
 Tema: [redacted]

MINHA LOCALIDADE NÃO DEFINIÇÃO EU SOU

As periferias do Rio São lar de Altas taxas de agressão a jovens negros. Quem comete a maioria das agressões são aqueles que deveriam nos proteger. Os policiais. O principal motivo para esse comportamento é o preconceito racial que ali habita.

A discriminação a afrodescendentes de bairro pobres é mostrado no livro da autora Angie Thomas. "O ódio que você semeia". O modo de agir do personagem. Um-quinze a polícia, é comum em comunidades de todo Rio e assim na história de Agatha 8 anos e morto só pela sua localidade.

Para que tais atrocidades deixem de acontecer, é necessário combater o preconceito racial, a partir da conscientização da sociedade. Além disso, é preciso preparar melhor os policiais, organizando palestras nas delegacias.

Nome: [redacted]
 Tema: [redacted]

UMA HISTÓRIA DE VIOLENCIA

Uma história de violência que persegue jovens e negras. Ela é causada por muitos fatores, como a falta de oportunidades, a desigualdade social e a discriminação racial. Essa violência é muito prejudicial à saúde e à sociedade, pois ela gera muitos problemas, como a dependência química, a violência e a criminalidade.

Por isso, é muito importante que a sociedade trabalhe para acabar com essa violência. Isso pode ser feito através de muitas maneiras, como a criação de mais oportunidades de emprego, a melhoria da educação e a promoção da igualdade racial.

Quando vemos notícias sobre violência contra jovens e negras, sentimos muita tristeza e indignação. É muito importante que a polícia continue trabalhando para acabar com essa violência e proteger a população que vive nessas áreas.



Todos somos iguais
 Independência
 Da Mema Cor!

FOLHA DE AVALIAÇÃO

AGATHA RIBEIRO KRAUSS

113204915

A CONVERSA LITERÁRIA COMO VIA PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Português-Literaturas

Data da avaliação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel – Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Educação – UFRJ

NOTA: _____

Prof. Me. Diego Domingues Peçanha Moreirão – Leitor Crítico
Escola Municipal Nísia Vilela Fernandes – Duque de Caxias

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos avaliadores:

